

# AUTORES & LIVROS

12/4/1942  
ANO 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11  
Núm. 12

## Notícia sobre o Visconde de Taunay

Alfredo d'Escagnolle Taunay, Visconde de Taunay, nasceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843. Era filho do conde-morador Felix Emilio de Taunay, Barão de Taunay e de d. Gabriela d'Escagnolle Taunay.

Seu pai foi um dos preceptores de D. Pedro II, e durante muito tempo dirigiu a Escola Nacional de Belas Artes. Era filho de Nicolau Antonio Taunay, membro do Instituto da França, que viera para o Brasil, em 1818, fazendo parte de uma importante missão artística. Do lado materno, era ele neto do Conde d'Escagnolle, emigrado da França pelas contrariedades da Revolução.

Alfredo d'Escagnolle Taunay estudou humanidades no Imperial Colégio Pedro II em 1858. No ano seguinte matriculou-se na Escola Militar, no curso de Ciências Físicas e Matemáticas. Foi alferes a'uno em março de 1862, segundo tenente de artilharia em junho de 1864. Ia terminar o penúltimo ano do curso, quando rompeu a guerra do Paraguai. Foi então incorporado ao Exército, e partiu para o campo da luta.

Em 1869 encontrava-se no Rio de Janeiro, em comissão, para trazer ao governo imperial notícias do corpo expedicionário de Mato Grosso, que, havia muito, se supunha perdido e aniquilado. Naquela ocasião encontrou-o o Conde d'Eu, recentemente nomeado comandante em chefe das nossas forças em operação no Paraguai, para secretário do seu Estado-Maior. Taunay voltou ao campo da luta, e ali ficou até o fim da guerra. Foi nomeado para redigir o "Diário do Exército", e nessa comissão mereceu os louvores dos seus chefes.

Fim da guerra, Taunay volta ao Rio, no posto de capitão. Conclui o curso de Ciências Físicas e Matemáticas. É nomeado professor interino da Escola Militar, e ali rege, durante algumas anos, a cadeira de Mineralogia e Geologia.

O aparecimento da "Retirada da Laguna", em 1872, chama a atenção de todo o Brasil para o jovem escritor. O Visconde do Rio Branco o indicou a atenção do eleitorado de Goiás, e este o elegera para a Câmara dos Deputados em 1872, mandato que foi renovado em 1875.

Em 1874, Taunay casou-se com d. Cristina Teixeira Leite, filha do Barão de Vassouras.

Em 1875, foi promovido a major. No ano seguinte foi nomeado governador de Santa Catarina, onde ficou por dois anos. Em 1878, caindo o Partido Conservador, em cujas fileiras militava, partiu para a Europa, em longa viagem de estudos.

Voltou ao Brasil em 1880, e um ano depois, venceu trabalhosa campanha eleitoral, regressava à Câmara, como depu-

tado por Santa Catarina. Em 1885, candidato a deputado pelo Rio de Janeiro, foi derrotado.

Nesse mesmo ano pedia demissão do serviço do Exército. Foi então nomeado presidente da Província do Paraná. Poucos meses depois — em janeiro de 1886 — era eleito deputado geral por Santa Catarina. Não demorou a ser eleito senador pela mesma província, na vaga do Barão de Laguna. Foi no Senado um dos mais ardorosos partidários da Abolição.

Em 6 de setembro de 1889 recebeu o título de Visconde com grandeza.

Com a proclamação da República, em 1889, ficou fiel ao imperador deposto, e há numerosos e brilhantíssimos artigos seus perdidos hoje nas colunas monarquistas do "Jornal do Brasil" e de outras folhas do tempo, artigos que se destinam a por em destaque as virtudes do imperante banido e do regime que a República destruiu.

O Visconde de Taunay teve a plena realização do seu talento no terreno literário.

Adotando o pseudônimo de "Silvio Dinarle", ele se estreou com o romance "Mocidade de Trajano", em 1870. Em 1872, publicou, em francês, a "Retirada da Laguna". Vieram depois "Inocência", (1872) que tem tido numerosas edições e está traduzida para várias línguas; "Lágrimas do Coração" (1873); "Ouro sobre azul" (1875); "Histórias Brasileiras" (1874); "Narrativas Militares" (1878); "Céus e Terras do Brasil" (1882); "Estudos Críticos" (1881-1883); "Amélia Smith" (drama, 1886); "O Enclilhamento" (1894); "No declínio" (1889). Sua obra está toda sendo republicada pela Companhia de Melhoramentos de S. Paulo. E dele damos adiante uma bibliografia completa.

Taunay foi também pintor, restando dele telas dignas de estudo.

Foi ele um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tendo ali criado a cadeira n.º 13, que tem, como patrono, Francisco Octaviano.

Era grande apaixonado da música, tendo deixado várias composições. Estudioso da vida e da obra dos grandes musicistas, manteve com escritores e jornalistas polémicas sobre assuntos dessa arte. Notadamente com Tobias Barreto.

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da de São Bento, da de Aviz e da de Cristo. Faleceu a 25 de janeiro de 1899. Foi inumado no cemitério de S. João Batista, e sobre o seu túmulo existe gravado este epitáfio:

"Aqui jaz o autor de duas obras que alcançaram renome valioso. De "Inocência" a história da "Laguna" o feito glorioso."

## Na fronteira com a Policia Alemã...

Visconde de Taunay

Carlsbad, agosto de 1878.

Escrevo estas linhas da mais célebre estação de águas da Boêmia, para onde vim depois de verificar que as de Contrexéville, que me haviam sido recomendadas em Paris, não eram para o meu caso de suficiente eficácia. Parti, pois, do departamento dos Vosges, e, atravessando a nova fronteira prussiana, em Avricourt, fui, no dia 5, dormir em Strasburgo, debaixo da proteção das baionetas do Imperador Guilherme.

Causa verdadeiro dó transitar por esses departamentos da Alsácia e Lorena, tão profundamente franceses de coração, e entretanto hoje anexados, par droit de conquête, à poderosa Alemanha.

A diferença radical que num simples relancear de olhos se nota ao transpor a divisa da França é palpante.

De um lado vemos-se férteis campos cultivados por homens entregues aos trabalhos e esforçados trabalhos próprios do seu sexo; do outro, todas as estações do caminho de ferro e cidades cheias, atotadas de soldados, latagões fortes, corados e robustos, de braços cruzados, a fumarem e a "fanarem", ao passo que as mulheres estão cingidas, cingidas as xéaras e ajudadas por crianças, dirigindo juntas de bois e de cavalos. É o ideal realizado do chanceler de ferro, do Príncipe de Bismarck. E assim por toda a parte onde predomina o sistema da guerra preparada, para ter paz, isto é, ao Grão Duque de Baden, Wurtemberg e Baviera, que fui cortando, e mais países da Alemanha unida para a felicidade e grandeza da Prússia.

Em Deutsch-Avricourt não se mostravam os empregados aduaneiros nada exigentes, pelo menos comigo. Examinaram-me pela rama as bagagens, sem esmiuçar o que eu levava e contentando-se com sucintas declarações verbais. Uma só coisa ia transbordando-me o capitulo: um calote de livros que eu trazia de Paris.

"São obras proibidas?" perguntaram-me; "não sei", respondi com verdade. "Se quiserem verifiquem". Aberto o calote, passaram rápida revista, mas pareceram esbarrar diante de um dos volumes da magnífica "Geografia Universal" de Elisée Reclus: a França. O nome, com efeito, do autor não é de boa nota, mas a obra tem coisas excelentes, muito sérias e de verdadeiro valor científico. "Para que leva este livro?" indagaram com ar suspetoso. "Para lê-lo", repliquei e, reunindo um tanto dificilmente os retalhos de alemão que ainda conservo em memória, fiz ver que nas páginas estavam quase todas cortadas. Consultaram entre si, foram ouvir uma empregada de categoria superior e afinal o Elisée Reclus transpôs a fronteira, em companhia de alguns romances ingleses e das "Harmonias da Natureza" de Bernardin de Saint-Pierre.

("Recordações de guerra e de viagem").



VISCONDE DE TAUNAY

## SUMÁRIO

- PÁGINA 183:
- de Taunay a Alberto de Oliveira.
  - Notícia sobre o Visconde de Taunay.
  - Na fronteira com a polícia alemã... da Visconde de Taunay.
  - Sumário.
- PÁGINAS 184, 185 E 186:
- Algumas páginas de Inocência. Capítulo III, O Doutor. Capítulo VI, Inocência. Capítulo XXN, Desencade. Do Visconde de Taunay.
- PÁGINA 187:
- Lembrança da infância — O bom Tomaz, pelo Visconde de Taunay.
  - Luta em torno de Meyerbeer, de Ernesto Feder.
- PÁGINA 188:
- Bibliografia da Visconde de Taunay.
- PÁGINA 189:
- A homenagem do Instituto Histórico ao Visconde de Taunay, na palavra de Joaquim Nabuco.
  - Adens a Taunay, de José Veríssimo.
  - Dedicatória da Retirada da Laguna, do Visconde de Taunay.
- PÁGINA 190:
- Um capítulo da Retirada da Laguna, do Visconde de Taunay.
- PÁGINA 191:
- O beijo da Mucamba, do Visconde de Taunay.
  - Correspondência de escritores — Carta do Visconde de Taunay a Alberto de Oliveira.
  - Carlos Gomes, compando, do Visconde de Taunay.
- PÁGINA 192:
- Bibliografia de Inocência.
  - A noite no sertão, do Visconde de Taunay.
- PÁGINA 193:
- Correspondência de escritores — Carta do Visconde de Taunay a Machado de Assis.
  - Taunay, na opinião de Lucia Miguel Pereira.
  - Inocência, na opinião de Francisco Octaviano.
  - O General Osorio, do Visconde de Taunay.
- PÁGINA 194:
- O Visconde de Taunay, em apreciação de Ronald de Carvalho.
  - Um livro da Visconde de Taunay, de José Veríssimo.
  - Páginas do Visconde de Taunay — A floresta da Tijuca — A morte do coronel Camisão — Trabalho escravo — A chegada do colérico.
- PÁGINA 195:
- Última canção do Rio, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira), com ilustração de Oswaldo Gueldi.
- PÁGINAS 196 E 197:
- História de O Mulato, de José Montella.
- PÁGINA 198:
- Consórcio da morte, de Aloysio de Castro (da Academia Brasileira).
  - Efemérides da Academia.

# ALGUMAS PÁGINAS DE

## CAPITULO III O DOUTOR

Bemal produzias: a ninguém ensinava desalque, e o mundo é rico de palavras.

A esperança quando outros pela creem faz ganhar muito tempo.

OVIDIO, "A arte de amar".

Ao morrer, doia a algum esolgio ou a teu gato.

POPE.

Suaresia. — De toda a parte vem gente procurar-me, e me acousa continuamente assim, sou de parecer que de uma vez devo dedicar-me a medicina. Acho que de todos os ofícios é este o preferível, porque, ou se saça bem ou mal, sempre tu tens um dinheiro.

MOLIERE, "O médico à torça".

Nascera Cyrino de Campos, como dissera a Pereira, na província de S. Paulo, na sossegada e bonita via de Casa-Branca, a qual demora umas 56 léguas do litoral. Filho de um vendedor de drogas, que se intitulava boticário e a esse ofício acumulava o importante cargo de administrador do correio, crescera debaixo das vistas paternais até a idade de doze anos, completos os quais fora enviado, em tempos de festas e a título de recordações saudosas, a um velho tio e padrinho, morador na cidade de Ouro Preto.

Esse parente, solteiro, de gênio rabugento, misantropo, e dado às práticas da mais extrema caridade, recebeu o pequeno com mau modo e manifesto descontentamento, tanto mais quanto a presença de um estranho vinha interromper os hábitos de completa solidão a que se acostumara desde longos anos.

Era homem que trajava ainda à moda antiga, usando de sapatos de fivela, calções de braguilha, e cabeleira empenada com o competente rabicho.

A sua reputação de pessoa abastada era, em toda a cidade de Ouro Preto, tão bem firmada quanto a de refinado sovina, chegando a voz pública a afirmar que o seu dinheiro, e não pouco, estava todo enterrado em numerosos buracos no chão da alcova de dormir.

— Meu amigalote, disse o tal padrinho a Cyrino, poucos dias depois da chegada, fique sabendo que por qualquer coisinha lhe sacudo a poeira do corpo. De-se por avisado e ande direitinho que nem um fuso.

O menino, transido de medo, passou a tarde a chorar num canto sombrio da casa, onde relembrou, até lhe vir o sono, a alegre vida de outora, os folguedos que fazia com os camaradas na velosa relva do Cruzeiro à entrada da vila de Casa-Branca e sobretudo os carinhos da saudosa mãe.

Em seguida aquela admoestação preventiva fora o tio à casa de uns padres que tinham influência na direção do Colégio do Caracá e com eles arranjara a admissão do afilhado naquele estabelecimento de instrução.

Como finório que era, conseguiu este resultado sem muita dificuldade, pagando-o, a juros compostos, com tentadoras promessas.

Por ora, resmoneou ele, nada poder fazer pela educação do rapaz; mas... enfim... um dia... estou já velho, e tratarei de mostrar que não me esqueci dos bons padres que tanto me ajudaram hoje.

Lançada, assim, a eventualidade de uma verba testamentária, ficou decidida a entrada de Cyrino na casa colegial.

O pressentimento da falta de proteção natural torna as crianças docéis e resignadas. Também não tuguem nem mugiu o caprinhinho ao penetrar no internato em que devia passar tristemente os melhores anos da sua adolescência.

Ótimo negócio fizera incontestavelmente o velho tio. Ia tão somente desembolsando



As ilustrações de "Inocência", de F. Richter. — "Em breve ao seu lado emparelhou um outro viajante..." (Pag. 15)

boas palavras e, por estar agarrado à vida, chegou até a levar ao cemitério dois dos padres que se haviam prendido às esperanças de valiosa recordação.

Finalmente como tinha por seu turno que pagar o tributo universal, um belo dia morreu quando menos se esperava, deixando muito recomendado um seu testamento, que foi, com efeito, aberto com solenidade digna de melhor êxito.

Testamento havia, força é confessar: não há testamento, mas extenso arrazoado todo da letra do velho; barras de ouro, porem, ou maços de notas, nem sombra.

Escuracou-se a casa de alto a baixo, levantaram-se os sonhos, escutaram-se todas as paredes, quebraram-se os móveis; nada appareceu, nada denunciou esconderijo de riquezas, nem coisa que com isso se avizinhasse.

Descobriu-se então que aquele carola fora um pensador desabusado, antigo admirador de Xavier, o Tiradentes, que nunca tivera vintem e vivera como filósofo, gatinhando lá consigo mesmo, de tudo e de todos.

Era o seu testamento uma gargalhada meio de gosto, meio de ironia, atrada de além túmulo e corroborada pelo legado sarcástico que, em pomposo codicillo, fazia aos padres do Caracá da sua biblioteca, "afim, dizia ele, de ajudar a educação dos mancebos e auxiliar as boas intenções dos seus honrados e virtuosos diretores".

Procuraram-se os tais livros, e topou-se com um baú cheio de obras, em parte devoradas pelo cupim, que foram, incontinenti, entregues às chamas de um grande auto de fé. Eram as Ruínas de Volney, o Homem da Natureza, as poesias eróticas de Bocage, o Dicionário Filosófico de Voltaire, o Citador de Plagiot-Lebrun, a Guerra dos Deuses de Parry, os romances do Marquês de Sade e outras produções de igual alcance e qualidade, algumas até em francês,

mas anotadas por leitor assíduo e mais ou menos convencido.

A consequência desse pesado graciejo póstumo, que destruiu de rai o conceito de uma vida inteira, foi a imediata exclusão de Cyrino do colégio do Caracá.

Tinha então dezoito anos, e, como era vivo, conseguiu, apesar da natural pecha que lhe atraitava o parentesco com o estambólico e defunto protetor, ir servir de caixeiro numa botica velha e "manhosa", onde entre drogas e receptuários lhe foram voltando os hábitos da casa paterna.

Leve era o trabalho, e o aviaamento de prescrições tão lento que os ingredientes farmacêuticos ficavam meses inteiros nos embacados e esborcinados frascos à espera de que alguém se lembrasse de tirá-los daquele borento esquecimento.

Em localidade pequena, de simples boticário a médico não há mais que um passo. Cyrino, pois, foi aos poucos e com o tempo criando tal ou qual prática de receita e agarrando-se a um Chernoviz, já sebo de tanto uso, entrou a percorrer, com alguns medicamentos no bolso e na mala da garupa, as vizinhanças da cidade à procura de quem se utilisasse dos seus serviços.

Nessas curtas digressões principiou a receber o tratamento de doutor. Então para melhor o firmar, depois de se ter despedido da botica em que servia, matriculou-se na escola de farmácia de Ouro Preto com a intenção de tirar a carta de boticário, que o presidente de Minas Gerais tem o privilégio de conferir, dispensando documentos de qualquer faculdade reconhecida.

Antes, porem, de conseguir a posse daquele lisonjeiro documento, fez-se Cyrino, num dia de capricho, de partida decidida e começou então a viajar pelos sertões povoados a meditar, sangrar e retalhar, unindo a alguns conhecimentos de va-

lor positivo outros que a experiência lhe ia indicando ou que a voz do povo e a superstição lhe ministravam.

Toda a sua ciência assentava alicerces no tal Chernoviz. Também era o inseparável "vademecum"; seu livro de ouro; Homero à cabeceira de Alexandre. Noite e dia o manuseava; noite e dia o consultava à sombra das árvores ou junto ao leito dos enfermos.

Contem Chernoviz, dizem os entendidos, muitos erros, muita lacuna, muita coisa inútil e até disparatada; entretanto no interior do Brasil é obra que incontestavelmente presta bons serviços, e cujas indicações tem força de evangelho.

Conhecia Cyrino o seu exemplar de cor e salteado; abria-o com segurança nos trechos que desejava consultar e graças a ele formara um fundo de lições real e até certo ponto exata, a que unira o estudo natural das utilíssimas e ainda pouco aproveitadas ervinhas do campo.

Afim de aumentar os seus recursos em matéria médica vegetal, foi a pouco e pouco dilatando as excursões fora das cidades, para as quais voltava, quando se via falta de medicamentos ou quando, digamo-lo sem reboço, queria gastar nos prazeres e folias o dinheiro que ajuntara com a clinica do sertão.

Finalmente, afeito a hábitos de completa liberdade, resolveu empreender viagem para Campopou e sul de Mato Grosso, não só com o intuito de estender o raio das operações, como levado do desejo de ver terras novas e longinquas.

Curandeiro, simples curandeiro, lá por toda a parte grandeguando o tratamento de doutor, que gradualmente lhe foi parecendo, a si próprio, título inerente à sua pessoa e a que tinha incontestável direito.

Bem formado era o coração daquele moço, sua alma eleva-

da e incapaz de pensamentos menos dignos; entretanto no íntimo do seu caráter se haviam insensivelmente enraizado certos hábitos de orgulho, e possado de tal ou qual charlatanismo, oriundo não só da ingrante insuficiência científica, como da roda em que sempre vivera.

Afastava-se em todo caso, ainda assim com os seus deslizes, do comum dos médicos ambulantes do sertão, tipos que se encontram frequentemente naquelas paragens, eivados de todos os atributos da mais crassa ignorância, mas rodeados de regalias completamente excepcionais.

Por toda parte entra, como efeito, o doutor: penetra no interior das famílias, verdadeiras gineceas; tem o melhor lugar a mesa dos hóspedes, a mais nobre e cara; é, enfim, um personagem caído do céu e junto ao qual acodem logo, de muitas léguas em torno, não já enfermos, mas fanalizados crentes, que durante largos anos se haviam medicado ou por conselhos de vizinhos ou por suas próprias inspirações e que na chegada de se Messias da usiam todas as ardentes empenhas do almejado restabelecimento.

## CAPITULO VI INOCENCIA

Nesta doçura é que se acham juntas a minha vida e a minha morte.

BENOCH, "O livro da ananah".

Jamais viza coisa tão pequena como o seu rosto pallido, os olhos frangidos de sedozas e lúas, o to espesso e o ar melado e doçatido.

GEORGE SAND, "Os irmãos Gaudier".

Tudo, em Fenella, realçava a ideia de uma miniatura. Além da mais, havia em sua fisionomia e, sobretudo, no olhar extraordinária prontidão, logo e afilamento.

WALTER SCOTT, "Peveril de Pick".

Depois das explicações do-



As ilustrações de "Inocência", de F. Richter. — "Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade..." (Pag. 47)



# "INOCÊNCIA" — Visconde de Taunay

das ao seu hóspede, sentiu-se, o mais das vezes, preocupado. — Então, disse ele, se quiser, vamos lá ver a nossa doentinha. Com muito gosto, concorreu Cyrino.

Entrando da sala, acompanhava Pereira, que o fez passar por uma cerca e rodear a casa toda, antes de tomar a porta do fundo, fronteira a magnífica lançadeira, naquela ocasião toda pontuada das brancas e odoríferas flores.

— Lá se foge, disse o mineiro, apontando para o pomar, tocou as mãos e juntam tamalhos, tomando de "grauas" (1), que é um barulho dos meus pecados. Nôcença gosta muito disso e vem sempre coser debaixo do arvoredo. É uma menina estranha...

— Quando no limiar da porta, continuou com expansão:

— Mem o senhor imagina... As vezes, aquela criança tem lembranças e perguntas que me fazem embalar. Aqui, havia um livro de horas da minha defuncta avó.

— Pois não é que um be'ô dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler? Que idéia!

— Ainda há pouco tempo me disse que quizeria ter nascido primeiro... Eu lhe retruquei: E acho que a que é ser princesa? Se me secundo (2) ela com toda a clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma coroa de diamantes na cabeça, muitos lavrados (3) no pescoço e que manda nos homens. Fiquei meio tonto. E se o senhor visse os modos que tem com os bichinhos!...

— Parece que está falando com eles e que os entende... Uma bicharia (4) em chegando ao pé de Nôcença, fica mansa que nem ovelhinha perdida de fresco... Se for agora a contar-lhe histórias dessa rapariga, seria um não acabar nunca... Entremos, que é melhor...

Quando Cyrino penetrou no quarto da filha do mineiro, era quase noite, de maneira que, no primeiro olhar que atirou ao redor de si, só pôde lobrigar, a um de diversos trastes de formas antiquadas, uma dessas camas, muito em uso no interior, altas e largas, feitas de tábuas de couro engradadas. Estava encostada a um canto, e nela havia uma pessoa deitada.

Mondora Pereira acender uma vela de sebo. Vinda a luz, aproximaram-se ambos do leito da doentinha que, chegando ao corpo e puxando para debaixo do coberto, uma coberta de algodão de Minas, se encolheu toda, e voltou-se para os que entravam.

— Esta aqui o doutor, disse-lhe Pereira, que vem curar-te de vez.

Boas noites, dona, saudou Cyrino.

— Tinha voz murmurou uma te-... ao passo que o jovem, no papel de médico, se sentava num escabelo junto à cama e tomava o pulso à doente.

— Uma então luz de chapa sobe a, iluminando-lhe o rosto, parte do colo e da cabeça, e deita por um lenço vermelho atado por trás da nuca.

— Aparar de bastante descora, e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

Do seu rosto irradiava sim- plicidade expressão de encantadora inocência, realçada pela melancolia do olhar sereno que, a raras, parecia, coar por entre os olhos sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e comprida a ponta de projetarem sombras tão raiosas faces.

— Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torçado.

— Ao erguer a cabeça para tirar o braço de sob o lenço, descobria um nada a camizinha de rivo que vestia, deixando nu um colo de fascinadora alvura, em que ressaltava um ou outro sinal de nascença.

Razões de sobre tinha, pois, o pretensio facultativo para sen-

tir a mão fria e um tanto incerta, e não poder atinar com o pulso de tão gentil cliente.

— Então? perguntou o pai.

— Febre nenhuma, respondeu Cyrino, cujos olhos fitavam com mal disfarçada surpresa as feições de Inocência.

— E que temos que fazer?

— Dar-lhe hoje mesmo um suador de folhas de laranjeira da terra a ver se transpira bastante e, quando for meia noite, acordar-me para vir administrar uma boa dose de sulfato.

Levantara a cornte os olhos e os cravara em Cyrino, para seguir com atenção as prescrições que lhe deviam restituir a saúde.

— Não tem fome nenhuma, observou o pai; há quase três dias que só vive de bebezagens. É uma ardência continua; láto até nem parecem maleitas.

— Tanto melhor, replicou o moço; amanhã verá que a febre lhe sai do corpo, e daqui a uma semana sua filha está de pé com certeza. Sou eu que lho afianço.

— Fale o doutor pela boca de um anjo, disse Pereira com alegria.

— Não de as cores voltar logo, continuou Cyrino.

— Ligeiramente enrubescer Inocência e descansou a cabeça no travesseiro.

— Por que amarrar esse lenço? perguntou em seguida o moço.

— Por nada, respondeu ela com acanhamento.

— Sente dor de cabeça?

— Nhor-não.

— Tire-o, pois; convém não chamar o sangue; solte, pelo contrário, os cabelos.

Inocência obedeceu e descobriu uma espessa cabeleira, negra como o âmago da cabiuna e que em liberdade devia cair abaixo da cintura. Estava enrolado em bastas tranças, que davam duas voltas inteiras ao redor do cocoruto.

— É preciso, continuou Cyrino, ter de dia o quarto arejado e por a cama na linha do nascente ao poente.

— Amanhã de manhãzinha hei de vir-lá disse o mineiro.

— Bom, por hoje então, ou melhor, agora mesmo, o suador. Fechem tudo, e que a do- na se bem. A meia noite, mais ou menos, virei aqui dar-lhe a mezinha. Sossigue o seu espírito e rece duas Ave-Marias para que a quina faça logo efeito.

— Nhor-sim, balbuciou a enferma.

— Não lhe dói a luz nos olhos? perguntou Cyrino, achegando-lhe um momento a vela ao rosto.

— Pouco... um nadinha.

— Isso é bom sinal. Creio que não há de ser nada.

— E levantando-se, despediu-se: — Até logo, sinhá-moça.

Depois do que, convidou Pereira a sair.

Este acenou para alguém que estava num canto do quarto e na sombra.

— O' Tico, disse ele, venha cá...

Levantou-se, a este chamado, um anão muito entanguido, embora perfeitamente proporcionado em todos os seus membros. Tinha o rosto suado de rugas, como se já fora entrado em anos; mas os olhos vivos e a negreante guelbelha mostravam idade pouco avançada. Suas pernas tinham um tanto arqueadas terminavam em pés largos e chatos que, sem grave desarranjo na conformação, poderiam pertencer a qualquer palmeide.

— Trajava comprida blusa parda sobre calças que, por haverem pertencido a quem que fosse muito mais alto, formavam em baixo volumosa rodilha, apesar de estarem dobradas. A cabeça, trazia um chapéu de palha de carandá (5) sem copa, de maneira que a melena lhe aparecia toda arrepiada e erguida em torcidas e emaranhadas grenhas.

— Oh! exclamou Cyrino ao ver entrar no círculo de luz tão estranha figura, isto deveras é um tico (6) de gente.

— Não anarchose (7) o meu Tonico, protestou sorrindo-se Pereira. Ele é pequeno... mas bom. Não é, meu nanico?

O hominúculo riu-se, ou melhor, fez uma careta mostrando dentinhos alvos e agudos, ao passo que deitava para Cyrino olhar inquisidor e ativo.

— O senhor vê, doutor, continuou Pereira, esta criaturinha de Cristo ouve perfeitamente tudo quando se lhe diz e logo compreende. Não pode falar... isto é, sempre pode dizer uma palavra, ou outra, mas muito a custo e quase a estourar de raiva e de cansaço. Quando se mete a querer explicar qualquer coisa, é um barulho dos seiscientos, uma gritaria dos meus pecados, onde aparece uma voz aqui, outra acolá, mais cristãzinhas no meio da barafunda.

— E' que não lhe cortaram a língua, observou Cyrino.

— Não tinha nada que cortar, replicou Pereira. De nascença é o defeito e não pode ser remediado. Mas isto é um diabinho, que cruza este sério de cabo a rabo, a todas as horas do dia e da noite. Não é verdade, Tico?

O anão abanou a cabeça, olhando com orgulho para Cyrino.

— Mas é filho aqui da casa? perguntou este.

— Nhor-não; tem mãe à beira do rio Sucuriú, daqui a quarenta léguas, e envereda de lá para cá num instante, vindo a pousar pelas casas, que todas o recebem com gosto, porque é bichinho que não faz mal a ninguém. Aqui fica duas, três e mais semanas e depois desaparece como um matifeiro (8) para a casa da mãe. É uma espécie de cachorro de Nôcença. Não é, Tico?

Fez o mudo sinal que sim e apontou com ar risinho para o lado da moça.

Pereira, depois de todas aquelas explicações que o anão parecia ouvir com satisfação, disse, voltando-se para este, ou melhor abaixando-se em cima da sua cabeça:

— Agora, meu filho, vai ao curral grande e apanha para mim (9) uma mósada (10) de folhas de laranjeira da terra... daquele pé grande que encosta na tronqueira.

Mostrou o hominúculo com expressivo gesto que entendera e saiu correndo.

A Cyrrano deixou o quarto, não sem ter o lado com demora para o lugar onde estava deitada a enferma, quando Pereira o chamou:

— O' doutor, Nôcença quer beber uma pouca de água... Fará mal?

— Aqui não há limões doces? indagou o moço.

— E' um nunca acabar... e dos melhores.

— Pois então faça sua filha chupar uns gomos.

Pereira, depois de ter paternamente arranjado e disposto os cobertores ao redor do corpo da menina, acompanhou Cyrino, que, parado à porta de saída, estava mirando as primeiras estrelas da noite.

— Vósmece achou, doutor, perguntou o mineiro com voz um tanto trêmula, algum perigo no que tem aquele anjinho?

— Não, absolutamente não, respondeu Cyrino. Verá o senhor que, daqui a três dias, sua filha não tem mais nada.

— Malditas febres!... Quando não derrubam um cristão, o amofinam anos Intelros... Eu não quisera que minha filha ficasse esbranquiçada, nem feia... As amóças quando não são bonitas, é que estão doentes... Ah! mas lá me esque-



As ilustrações de "Inocência", de F. Richter. — "A Pereira precipitar-se sobre ela..." (Pag. 211)

cendo dos limões doces... Que cabeça!

Adiantou-se Pereira no terceiro e, pondo as mãos junto à boca, chamou com voz forte:

— O' Tico!

Prolongado grito respondeu-lhe a certa distância.

O mineiro pôs-se a assobiar com modulações à maneira dos índios.

Houve uns momentos de silêncio; depois veio correndo o anão e, chegando-se para perto, mostrou por sinais que não ouvia bem o recado.

— Uns limões doces, já!... Nôcença está com sede...

Disparou o pequeno como uma seta, sumindo-se logo na densa escuridão que já se espessara entre as árvores do pomar.

— Claro era o dia, lindo. Por toda a parte cantavam mil pássaros. Gritavam as gralhas nos cerrados; playam as perdizes no relvoso chão.

Cyrino ia muito agitado. Nada ouvia; os seus olhos, fitos sempre na frente buscavam na estrada, ansiosos, o vulto de um cavaleiro.

Soou-lhe de repente aos ouvidos o tropel de um animal. Alguém vinha a galope.

Seu coração pulso que parecia ter entrado também a galopar.

— Mas o som partia de detrás. Sem dúvida, algum viajante vindo da vila.

Continuou Cyrino na vagarosa marcha.

O estrupido vinha indicando carreira folgada e que o...

consigo estaria emparelhando, quem extravagantemente em hora tão imprópria corria a destilada.

O mancebo de nada cuidava, tanto que mal reparou que alguém a trote largo passara por perto de si, quase a roçar animal contra animal.

Dali a pouco, novo galope se fez ouvir.

Parecia que o mesmo cavaleiro.

(Continua na pag. seguinte)

Estão contados os grãos de areia que compõem a minha vida. E' aqui que devo tomba; E' aqui que ela há de acabar. SHAKESPEARE, "Henrique V", Atto I.

— Eis que vi um cavalo amarelo, e quem o montava, era a morte. S. JOÃO, "Apocalypse".

Durante três dias, foi Cyrino rigorosamente espreitado pelo nolo de Inocência.

Com a cautela própria das seus hábitos esquivos, soube Mancebo acompanhar-lhe todos os passos sem ser pressentido.

Assim notou que o rival montava a cavalo e lá certo ponto da estrada como que esperar por alguém que não chegava. Na ida, mostrava impaciência e inquietação; na volta vinha melancólico e curvado sobre si mesmo, absorto em fundo meditar.

— O infeliz mancebo ao encontro de Cesarão; mas este não aparecia.

Estava quase expirado o prazo combinado, e prestes a soar a hora do completo desengano.

Oh! se ele pudera!... Agar-

# Algumas páginas de "Inocência" -- (Continuação da página anterior)

(Continuação da pág. anterior)

— Não havia dado de rédeas, cortando o rumo que levava.

— Dessa vez, porém, Cyrino acordou do letargo, espurou vigorosamente a sua cavalaria e... esbarrou com Manecão.

Instintivamente empalideceu. O outro estava também muito descorado.

Estacaram eles os animais e fitaram-se alguns minutos, de um lado com desconfiança e pasmo, de outro com mal concentrado furor.

— Patrício, interpelou por fim o capataz em tom provocador, que faz mecê por aqui?

— Eu? perguntou Cyrino.

— Nhôr-sim, mecê mesmo.

— E' boa... viajo.

— Ah! viaja! replicou Manecão. Então é andeço?

— Andeço, não, contestou Cyrino com força. Não sou nenhum bruto.

E por prevenção levantou a capa do coudre em que havia uma pistola, fazendo menção de a sacar.

— Não será andeço, continuou o capataz, mas então o que é?

— Sou o que sou, não é da sua conta.

Contrain-se o rosto de Manecão.

De um traqueo chegou o cavalo bem junto a Cyrino e disse-lhe em voz surda:

— E' um ladrão... é um cachorro!

A esse insulto, puxou Cyrino a pistola.

— Mato-o já, bradou com violência se continua a destratar-me...

Sorriu-se o capataz com desprezo.

— Gentes, observou cuspidando para um lado, vejão só que valentão... E sabe manejar garrucha!

— Acabemos com isso gritou Cyrino.

— Acabemos, retorquiu Manecão com fingida calma.

— Mas quem é o senhor? perguntou Cyrino.

— Eu?

— Sim!... sim!...

— Então não me conhece?

— Não balbuciu Cyrino.

— Conhece Inocência? ulvou Manecão com voz terrível.

E de sopetão tirando uma garrucha da cintura, desfechou à queima roupa em Cyrino.

Varou a bala o corpo do infeliz e o fez baquear por terra. Dois gritos estrugiram.

Um de agonia, outro de triunfo.

Ficava Cyrino estendido de bruços. Reunindo as forças, que se lhe escapavam com o sangue, voltou-se de costas e prorrumpiu em vociferações contra o inimigo, que o contemplava sardônico.

— Matador!... vil!... sim... conheço Inocência... Ela é minha... Infame!... Matate-me... mas mataste também a ela!... Que te fiz eu?... Deus te há de amaldiçoar... sim, meu Deus, meus Santos... maldição sobre este assassino... Foge, fuge... minha sombra há de seguir-te sempre...

— Melhor, interrompeu Manecão do alto do cavalo, isso mesmo é o que eu quero.

— Ah! quezes? continuou Cyrino com voz rouquejante, não é?... Pois bem!... De noite e de dia... minha alma há de estar contigo... sempre, sempre!...

Calou-se por um pouco e, revolvendo-se no chão, passou a mão pela testa. Lentejava-lhe dos poros o suor frio e visguento da morte.

Foi seu rosto abandonando a expressão de rancor; a respiração tornou-se-lhe mais difícil.

— Não, murmurou com pausa e gravidade, não quero morrer... assim. Devo sair desta vida... como cristão... Hei de saber perdoar... E reunindo as forças, acrescentou com unção e energia: Manecão... eu te perdoo... por Cristo... que morreu... na cruz, para nos salvar... eu te perdoo... Nosso Senhor tenha pena de ti... Eu te perdoo, ouviste?

A medida que o moribundo pronunciava estas palavras, esbugalhara Manecão os olhos de

horror, com o corpo todo a tremer.

— Não quero o teu perdão, bradou ele a custo.

— Não importa, respondeu-lhe Cyrino com voz suave. Ele é... dedo do fundo do dalmá... Caia sobre tua cabeça...

Quero, quero morrer como cristão... Que me importa agora o mundo, a vingança... tudo?... só Inocência!... Coitada de Inocência... Quem sabe... se... ela... não morrerá? Manecão, dá-me água. Água pelo amor de Deus!... Desce do cavalo, homem... E' um defunto que te pede... Desce!...

E com os braços erguidos acenava para Manecão.

— Água, bradou o mancebo forçando por levantar-se, dá-me água... eu te dou a salvação...

Sentia o capataz escorrer-lhe o suor dentro os cabelos. Queria fugir e não podia. Parecia que os seus olhos tinham de acompanhar passo a passo a agonia da sua vítima. Aquela cena, se lhe afigurava um pesadelo, e completo torpor lhe tolhia os membros.

Tirou-se desse enleio o bater das patas de um animal que vinha pela estrada a trote.

Ouvira também Cyrino o estrupido e arregalara com ansiedade os olhos.

Desabrochou-lhe nos lábios um sorriso de aere tristeza.

Alguem vinha chegando.

Esperou Manecão com vigor o cavalo e, levantando uma nuvem de poeira, desapareceu num abrir e fechar de olhos.

Nisto assomava um cavaleiro numa das voltas do caminho.

Era Antonio Cesário.

Vendo um homem estrado por terra apressou o passo.

— O doutor! exclamou apressando-se rapidamente e todo horrorizado.

— Eu mesmo, respondeu Cyrino com voz fresca.

— Mas, quem lhe fez este dano, santo Deus?

E correndo para o moço ajoelhou-se junto dele e levantou-lhe o corpo.

— Quem foi o assassino?

— Ninguém, rouquejou o miserio, foi... destino... Morro contente... Dê-me água... e fale-me de Inocência...

Água? exclamou Cesário com desespero, aqui no meio do cerrado?... O correio fica a três léguas pelo menos...

— Ah! replicou Cyrino meio desvalado, se não há... com que estancar a sede do corpo... estanque a... da alma... Inocência... onde está? quero vê-la... Diga-lhe que morri... por causa dela...

— Mas, quem o matou? bradou o mineiro.

— Não vale a pena dizê-lo, respondeu o mancebo entre gemidos. Cuide agora... só de mim... Olhe... nunca fui mau... não tenho pecados... grandes... Acha que Deus me... há de perdoar?

— Acho, respondeu Cesário com força...

— Que fiz eu... na minha vida? Talvez... enganasse os outros... dizendo que era... médico... Mas também curei alguns... De nada mais me recordo... Ah! sim... uma dívida de honra... Na minha carteira... há uns seiscientos mil réis; pague... trezentos ao Totó Siqueira, da vila; dê... cinquenta mil réis... a cada camarada... meu... o mais... distribua... todo... pelos pobres, sobretudo... moriféticos... depois das... missas... que por mim... mandar... rezar... ouviu?...

Fez o mineiro sinal que sim. Vinha a morte desdobrando as suas sombras no rosto de Cyrino. Ia-se-lhe empanando o brilho dos olhos; ficara a língua trôpega, afiara-se-lhe o nariz e sinistro palor mais realçava a negra cor dos seus cabelos e barbas.

Sentára-se Cesário no chão para segurar com mais jeito o corpo do moribundo. Duns lá-

grimas vinham-lhe sulcando as másculas faces.

Ligeiro estremecimento agitava o corpo de Cyrino.

— Agora, acrescentou com voz muito sumida, chegue... o meu dia... Mas... eu lhe peço... nada diga... à sua afilhada. Não consinta... que case com... Manecão.

— Então, interrompeu Cesário, foi ele quem?...

— Não, não contestou Cyrino, mas... ela havia de ser infeliz... Ouvia? Promete-me?

— Prometo, respondeu Cesário com firmeza. Juro até...

— Pois bem, suspirou o agonizante, agora... agradeço a morte... Quero apegar-me... às Santas do Paraíso... e chamo por...

E com esforço, no último alento, murmurou mais e mais baixo:

... Inocência!

Na tarde deste dia, o viajante que passasse por aquele sítio poderia ver uma cova coberta de fresco, sobre a qual se erguia uma cruz toscana feita de dois grossos paus amarrados com cipós.

Eram mostras da caridade do mineiro Antonio Cesário.

(1) — Pássaro de plumagem negra como índica a denominação indígena — gaita (pássaro preto) — o seu canto é muito melodioso e os seus hábitos eminentemente sociais.

(2) — Responde.

(3) — Chamam-se "lavrados" na província de Mato Grosso colares de contas de ouro e adornos de ouro e prata.

(4) — Animal.

(5) — Palmeira muito parecida com a carunha, se não for a mesma.

(6) — Pedra.

(7) — Riquitice.

(8) — Vendo do mato.

(9) — Esse mata-mim é acréscimo obrigatório em certas locuções do sertão.

(10) — Mão grande, porção boa.

## A MORTE DO CORONEL CAMISÃO

A 29 não houve mais dúvida que o coronel morria. O padecimento vencera várias vezes aquela dignidade, que ele tanto prezava: "se dizem que a água é mortal, exclamava, dêem-ma, para que eu morra!" Caiu em estado de torpor e sonolência; cobriu-se-lhe o corpo de manchas violáceas. As sete e meia, fez supremo esforço, ergueu-se do couro em que estava deitado, encostou-se no capitão Lago e perguntou-lhe onde estava a coluna, repetiu ainda uma vez que a salvara, e depois, voltando os olhos já vidrados para o seu ordenança: "Salvador", disse em tom de comando, "dá-me a espada e o revólver". Tentou afivelar o talim, mas nesse mesmo momento deixou-se cair, murmurando: "Mandem seguir a força; eu vou descansar". E expirou. ("Retirada da Laguna").

## UMA CASA QUE PERTENCE À HISTÓRIA LITERÁRIA

Em nosso número anterior, publicamos a fotografia de uma casa que, segundo dizíamos, pertence à história literária do nosso país. Ali viveram e trabalharam Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Coelho Netto, outros escritores e poetas brasileiros.

Na legenda que acompanhava a fotografia, omitiu-se o local em que existe a casa em questão.

Podemos informar, hoje, que se trata do prédio n. 189 (atual da rua do Riachuelo).



Felis Emilio Taunay, barão de Taunay, pai do visconde de Taunay (1793-1881)



Baronesa de Taunay, viúva do visconde de Taunay (1815-1899)



O visconde de Taunay aos 13 anos de idade (1811)



Aos 20 anos de idade



Aos 22 anos de idade



As ilustrações de "Inocência", de F. Richter. — "Da parte de fora, agarrou-lhe Cyrino nas mãos..." (Pág. 140)



# Lembrança da infância - O BOM THOMAZ

## VISCONDE DE TAUNAY

Foi em 1844, que minha família se mudou para a rua do Saco do Alferes n. 85, depois chamada da América. A nós crianças agradou imensamente a enorme área de terreno que tínhamos para jardim de recreio, todo plantado de árvores frutíferas, um imenso cajazeiro, tamareiro e uma palmeira de coco do Catarro, a qual representava grande papel nas cenas da infância. Era a maior aspiração apanharmos os cocos que caíam e nesse ponto Thomaz mostrava rara felicidade. Se a noite ventava, eu procurava levantar-me antes de todos, correndo ao jardim, descalço, para fazer a colheita. Quantas vezes, minha mãe não ralhou comigo por causa dessa travessura! O bom Thomaz! O bom Thomaz! tão fiel, humilde e dedicadíssimo amigo de todos nós, modesto companheiro de infância, que tanto me queria, e aos meus, transportando depois a sua amizade profunda, e sempre respeitosa, aos filhos de seus senhores noivos. Que alma nobre a desse servo, que coração afetuoso e cheio de delicadeza tão acima da sua condição! E nada tinha de tolo; pelo con-

trário, era sagaz e espirituoso, cheio de bonhomia, estropeando propositalmente os nomes para realizar ingênuos calembours, por vezes impagáveis, ditos com um sotaque muito seu, engorrolado "de boca mole", que ainda lhes aumentava a graça.

Era filho de Benedicta, escrava do almirante Beaurepaire, e irmão do Miguel.

Nas minhas longínquas reminiscências vejo-o sempre alegre, bem humorado, paciente, gozando do mais invejável gênio pela igualdade e a filosofia, acompanhando-me nos brincos e travessuras.

Dormia no meu quarto e tinha um sono absolutamente púmbeo e esta disposição, a cair adormecido "como uma pedra" apenas encostava a cabeça ao travesseiro levava-me a lhe pregar, quando muito menino, a seguinte peça. Ao apagar a vela dizia eu **Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!** a que linha Thomaz de responder: **Para sempre amen!** Apenas notava que adormecera — **et age est sans pitié** — berrava eu da minha cama: **Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!** e ele estremunhado levantava a ca-

beça e resignadamente contestava: **Para sempre amen!** logo depois recaindo no seu torpor quase inextinguível. Esperava eu mais uns dois ou três minutos e recomeçava, assim, umas três ou quatro vezes, e ele, sempre paciente e bondoso, sobressaltado e como semi-inconsciente do que dizia, dava-me o troco por um ato reflexo, até que afinal, me repreendia brandamente: **Ah, Sinhinho! também basta! deixa a gente dormir sossegado!** Ai então deixava eu de o atormentar.

Desde pequeno foi o Thomaz figura obrigada em quantas brincadeiras imaginava eu. Graças a mim conheceu a glória da ribalta, representando numa peça de minha lavra (cedo encetel a "carreira das letras") e que a minha querida mãe, cega ante as demonstrações da inteligência do filho a quem adorava, arrancava enormes gabos, verdadeiros brados de exaltação. Coisas do amor materno, sempre tão nobre até nas suas exagerações... Mais ponderado, embora seguramente no íntimo não menos satisfeito e envaldeado, procurava meu bom pai lançar um pouco de água fria

a toda esta fervura — "Vais virar a cabeça do Alfredo, ma honeste, com tanto entusiasmo! Não tardará que se julgue algum Racine", objetava pro forma, pois no fundo também estava radiante. Mas valíamos no Thomaz; dei-lhe a representar o papel de galã na peça em questão.

O clou era quando devia dizer, referindo-se à sua amada: **Se eu perder D. Panchinha, morrerei de desgosto.** Mas como fosse um tanto tate bitate dizia: **"morrerei de desgosto"**, frase esta que jamais esqueçamos em casa, e constantemente relembra a assinalava as glórias teatrais do apaixonado galã.

O nosso bom Thomaz! Com que pesar o vimos rapidamente declinar, atacado, ainda moço, de albuminúria e, afinal, vir a falecer a 2 de dezembro de 1880. Mandou, minha mãe, grata aos longos serviços de tão excelente serviçal, que se lhe comprasse uma sepultura perpétua no cemitério do Cajú, onde numa lápide de mármore se inscreve o seu humilde nome. Thomaz Benedicto da Silva.



O conde d'Escagnolle, avô materno do Visconde de Taunay (1785-1828)



A condessa d'Escagnolle, avó materna do escritor (1785-1840)



Nicolau Antonio Taunay, avô paterno do escritor (1755-1830)



Josefina Agostinha R. Taunay, avó paterna (1765-1844)



Taunay aos 28 anos de idade

# LUTA EM TORNO DE MEYERBEER - ERNESTO FEDER

Toda a gente conhece essas rixas que se vão, cada vez mais, perdendo até que os adversários, totalmente esquecidos do ponto de partida e das causas do conflito, entram a brigar por brigar, por mero impulso adquirido. Debate desse gênero é o que nos recorda a luta que em torno de Meyerbeer, em 1880, pôs em campos os dois dos maiores expoentes da intelectualidade brasileira — Escagnolle Taunay e Tobias Barreto.

Ao publicar, no dia 15 de outubro de 1879, na "Revista Brasileira", seu artigo "Meyerbeer e a ópera Os Huguenotes", o Visconde de Taunay, por certo, não contava desencadear, contra si mesmo, a polémica mais furiosa e violenta com que, provavelmente, jamais se viu a braços. Não foi uma simples resposta a que lhe deu o autor dos "Estudos Alemães", em cinco vastos artigos, Tobias condensara um curso de História e de Literatura comparadas sob o título: "Alguns cousas, também, a propósito de Meyerbeer". Taunay, assás imprudente, replicou, o que abriu ensejo a que Tobias lhe despejasse nova série de ataques e de lições: "Ainda alguma coisa, também, sobre Meyerbeer".

Discussão em torno do compositor? O pobre maestro serviu só de pretexto. Em verdade, era o entrelhecho de dois temperamentos. Era uma discepção onde ao lado dos argumentos, entravam as personalidades dos lutadores, tão dispares quanto a formação e a origem. De um lado, o Visconde representava a francesa, herdeiro, que era, de três nobres famílias francesas: em Taunays, os Escagnolles e os Beaurepaires, e educado num meio material e intelectual rico, na Capital e convivendo da Corte, meio que lhe tornara familiares a civilização europeia e, sobretudo, os matizes todos da cultura gaulesa. De outro lado, Tobias, filho de "mestico bastante pronunciado" e de modesto estatuto de órfão em Campos, autodidata e isolado na pequena Escola, dono de uma cultura que nenhum brasileiro de seu tempo igualou. Se do ponto de vista ecletico, excetuarmos Rui Barbosa, e que, havia dez anos, depois de ter adquirido, numa livraria recenseada da rua do Imperador, um dicionário e uma gramática alemã, se especializara em todas as questões relativas à História e à Literatura Germânicas, chegando até a publicar, em língua alemã, Revistas de que era exclusivo redator e único leitor.

O Visconde de Taunay, como pode ele abalar-se a escrever sobre Meyerbeer sem ter lido as obras de Hettner e de Georges Brandes, de Johannes Scherr, Julian Schmidt, Rudolf Gottschalk, Hanslick, Honneger, Lehrs, Schopenhauer e Leibniz? Todas essas autoridades e outras muitas, opõe o fulminante polemista às teses de seu adversário, trazendo de cambulho, mestres cujo voto, falsos embora, é sempre instrutivo para os aústros de noua e décima grandeza. Escrevendo sobre Meyerbeer sem possuir a necessária aparelhagem científica, Taunay recorda ao seu terrível opositor a facécia do humorista berlinês Glasbrenner: "Tenho pena, papel e tinta; por que não escrever um artigo sobre Meyerbeer?" Para Tobias Taunay era leigo em História política e literária da França, "não obstant": já ser um pioneiro de francesismo entre nós: não obstante já ter ido, por certo, mais vezes a Paris do que eu à igreja da minha paróquia! E a Alemanha? "Se notável é a sua ignorância no que toca mesmo à sua querida França, massagem enorme é a que dele se apodera" no que respeita a tudo o que seja alemão. Como quer que Taunay triplicasse escorrendo-se, também, em testemunhos alemães, Tobias lhe opõe o triplo de autoridades novas — Lessing e Lassalle, Landsman, Paul Lindau, Max Stirner, Hartmann, multiplicando as citações alemãs, o que levou Taunay a proferir-lhe o "grotesco germanismo e os termos alemães empolgados, como 'culturgeschichte'". "Que diabo é isto?", exclama ele. Havendo Taunay metido a riso o "purista, estilista, germanista, hebraista", Tobias desanca, impiedosamente, nos feitos militares do Visconde, em seu estilo, em seu caráter, parodiando-o com a anedota seguinte: "Constou-me que quando se achava em Berlim, passando, certa vez 'unter den Linden', o Imperador Guilherme, que por ali transilava, virou-se para o nobre chanceler e perguntou-lhe: — 'Senhor de Bismarck, aquele é Taunay? É um bonito rapaz...'".

Com estas linhas não é meu fim imiscuir-me numa luta que mostra toda a violência de uma briga em família, na qual os dois antagonistas representam diferentes facetas da mesma cultura brasileira, que tantas fontes enriqueceram. Desejo, tão somente, trazer ao assunto que originou a pendência — a apreciação de

Meyerbeer — alguns documentos menos conhecidos que poderão aclarar este ou aquele argumento da controvérsia.

Tobias acusa o seu adversário de não ter compreendido que Heine e outros alemães emigrados da Alemanha, como Meyerbeer, haviam preparado, na França, o terreno para a arte de Meyerbeer. E' bem certo que os juízos de Heine acerca do compositor mudaram muito. Heine, chegado, havia pouco, a Paris, onde o maestro festejava seus melhores triunfos e de onde sua glória se irradiava na Europa e na América, alistou-se, a princípio, entre os seus admiradores. Qualificava de obra-prima o "Roberto, o Diabo", e os Huguenotes eram "uma catedral gótica erguida pelas mãos audaciosas de um gigante". Nos artigos de correspondência que enviava às fazetas alemãs, asseverava: "A Academia Real de Música possui, fora Meyerbeer, poucos compositores que valham a pena de amplas comentários". Em carta a um amigo confessava ter ouvido dez vezes os Huguenotes, "é-me difícil fazê-lo o merecido elogio".

Dez anos mais tarde, entretanto, tudo mudou. Na "Correspondência musical de Paris" que Heine, em 1846, remete à "Gazeta Geral de Augsburg", o homem do dia é Verdi. "A glória de Meyerbeer, essa máquina artificial e cara, parou. Devendo seus efeitos a cálculos banais, toda aquela rima musical de mostra pobre e prosaica. Meyerbeer, depois de haver emalado os lauréis adquiridos nas capitais alemãs, foi ler à Grã-Bretanha e, dali, à América. Aqui em Paris é ele uma charada que toda gente já decifrou, e ele é bastante arguto para ir buscar ovação onde ainda seja um enigma." Havendo Frederico Guilherme IV, rei da Prússia, nomeado o maestro, administrador geral da Ópera de Berlim, e como ele tivesse desistido de seus honorários em favor da orquestra, Heine, num poema satírico, zomba do músico, "a trabalhar para o rei da Prússia" (isto é, para "o bispo").

E' curioso acentuar que em Ricardo Wagner, cujo testemunho Tobias invoca, também, se observa a mesma atitude contraditória. Atribuindo Taunay a Meyerbeer "uma definitiva conciliação entre as tendências germânicas e as italianas", seu adversário lhe fez ver que Wagner, no panfleto "O Judaísmo na Música", achava nas melodias de Meyerbeer, "algo de anti-germânico e anti-nacional". Em tempos idos, porém, muito outro era o falar de Wagner acerca de Meyerbeer, músico e homem. Ricardo Wagner, moço completamente desconhecido quando chegou a Paris, fora carinhosamente recebido pelo grande maestro. "Mal poderéis imaginar", escreve-lhe ele em carta recentemente descoberta "a quão exaltadas mostras de reconhecimento me obrigais com a vossa simpatia tão ilhana e que tanto me honra! Pela eternidade afóra outra coisa não vos poderol dizer que não seja: muito obrigado, muito obrigado."

Por esse mesmo tempo Wagner mandava para uma gazeta de Dresden um artigo que supera todos os enóclimos que Heine fizera a Meyerbeer. "Fitando-o em rosto", escreve Wagner, "tenho a impressão de estar vendo Haendel ou Gluck. Muita coisa de Mozart parece, mesmo, reproduzida nele. Não nos esqueçamos de que estes eram alemães como Meyerbeer é alemão. Na conjuntura miserável da Alemanha desnaturalizada teremos de procurar as principais causas do destino, das injunções, da aparência daqueles artistas. Nas velas de Meyerbeer corre o sangue generoso e límpido da Alemanha. Conservou o patrimônio alemão: a simplicidade e a pureza de sentimentos. Essas tendências virgens, que uma profunda emoção embeleza, são a poesia e o gênio de Meyerbeer." Foi o "Mercúrio da França" que em seu número de 1º de abril de 1838, publicou, em primeira mão, essas apreciações espantosas de Wagner sobre Meyerbeer. Mais tarde, sobretudo no panfleto mencionado por Tobias, o autor de "Tristan e Isolde" se expressou por modo totalmente oposto, a respeito do criador dos Huguenotes. Ao tempo em que, em várias cartas, hipotecava a Meyerbeer irrestrita confiança, em outra escrevia a Liszt: "Minhas relações com Meyerbeer tem um caráter particular: não vou a ponto de detrá-lo, mas ele me é supinamente antipático."

Como explicar essas contradições de que são acusados o maior poeta e o maior compositor que conheceram, de perto, o maestro Glacom? E' evidente que considerações de ordem pessoal os arredaram da imparcialidade e do objetivismo de suas críticas, tirando todo o valor já ao elogio, já à censura. As duas testemunhas de Tobias Barreto, por muito alto que estejam na esfera dos artistas, não podem ser chamadas como árbitros nessa luta em torno de Meyerbeer.



# A BIBLIOGRAFIA DO VISCONDE DE TAUNAY

## Romances

**A Mocidade de Trajano**, publicado sob o pseudônimo de Silvino Dinarte (Rio de Janeiro, 1870; Tipografia Nacional, 2 vols. in-16, 188 e 250 págs.).

**Inocência**, publicado sob o mesmo pseudônimo (Rio de Janeiro, 1872; Tipografia Nacional, 288 págs. in-12).

Dezesseite edições em português com uma tiragem de quarenta e oito mil exemplares.

Em 1920 espalhou-se pelo mercado de livros uma edição não autorizada, no Rio de Janeiro, por José Joaquim de Azevedo, livreiro. Apreendida pelos herdeiros dos direitos autorais do visconde de Taunay, foi o falsificador condenado a pagar uma indenização a aqueles a quem pretendia lesar, por sentença de 11 de junho de 1921, do Juízo Federal.

Traduções de **Inocência** em volume:

Em francês: por Olivier du Taiguy (Paris, 1896; Léon Chailley, 238 págs. in-16).

Em inglês: por James W. Wells (Londres, 1889; Chapman and Hall, 312 págs. in-16).

Text book em português e notas em inglês pelo prof. Maro B. Jones (Boston, 1923; D. C. Heath and Co., 156 págs. in-16).

Em alemão: por Arno Philipp (Porto Alegre, 1901; Cesar Reinhardt, 205 págs. in-16).

Segunda edição (Porto Alegre, 1922; Germano Gundlach, 216 páginas), por Karl Schuller, edição ilustrada e outra sem ilustrações (Berlim, D. Dreyer & Cia., 200 págs. in-16).

Tradução de Philip com violação do original.

Em italiano: por G. P. Malan (Turim, 1893; L. Roux & Cia., 296 págs. in-16).

Em espanhol: por Arturo da Costa Alvarez (Buenos Aires, 1902; "La Nación", 291 págs. in-16).

Segunda edição, 1906, — Pelo dr. José Vicente Cunha, presidente da República da Colômbia (Bogotá, 1905).

Por um anônimo (Madrid, 1923; Editorial Puyo, 267 págs. in-16).

Em croata pelo dr. Zoran Nizic: Agram, 1925, 196 págs. in-16.

Traduções na imprensa, em francês: em "Courtier International" (1883), no "Temps" (1896); em alemão: no "Deutsche Zeitung", de Porto Alegre (1894); em italiano: no "Corriere della Sera", de Milão (1896), na "Tribuna", de São Paulo (1896); em espanhol: em "La Nación", de Buenos Aires.

e outro jornal portenho de José C. Soto; em sueco: num jornal de Stockholm (1896), por Karl Hagberg; em dinamarquês: num diário de Copenhague (1893), pelo dr. Bjorving Petersen; em polaco: num diário de Varsóvia, pelo engenheiro Kowalski; em japonês: na revista "Fastos" (1897), por Kawana Kwandzo; em flamengo: num jornal (1912), pelo cônego Salvers.

**Lágrimas do Coração**, publicado sob o pseudônimo de Silvino Dinarte (Rio de Janeiro, 1873; F. Thompson, 259 págs. in-16).

Refundido e reeditado diversas vezes, sob o título de **Manuscrito de uma Mulher** (H. Garnier, 253 págs. in-16).

**Ouro sobre Azul**, publicado sob o pseudônimo de Silvino Dinarte (Rio de Janeiro, 1875; Gomes de Oliveira & Cia., 2 vols. 386 págs. in-16), reeditado por H. Garnier diversas vezes, 345 págs. in-16, e pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), São Paulo, 1921 e 1924, com doze milheiros impressos.

**O Enfiamento**, publicado sob o pseudônimo de Heitor Malheiros (Rio de Janeiro, 1894; Domingos de Magalhães & Cia., 2 vols. 246 e 201 págs. in-16).

Reeditado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), São Paulo, 1925; 318 págs. in-16.

No declínio (Rio de Janeiro, 1899; Ribeiro, Macedo & Cia., 274 págs. in-16). Reeditado por H. Garnier e pela Companhia

Melhoramentos de São Paulo, 1925.

## LIVROS DE CONTOS

**Histórias Brasileiras**, publicada sob o pseudônimo de Silvino Dinarte (Rio de Janeiro, 1874; B. L. Garnier, 327 págs. in-16).

Tradução italiana por G. P. Malan (Geneva, 1894; Stabilimento Forense).

**Narrativas Militares**, publicada sob o mesmo pseudônimo (Rio de Janeiro, 1878; B. L. Garnier, 270 págs. in-16).

**Um Entardecer**, publicação postuma (Rio de Janeiro, 1900; H. Garnier, 198 págs. in-16).

Reeditado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

**NARRATIVAS DAS CAMPAÑHAS DE MATO GROSSO E DO PARAGUAI**

**A Retirada da Laguna**, quatro edições em francês, cinco mil exemplares (Rio de Janeiro, 1877; Imprensa Nacional, 224 págs. gr. in-8).

Paris, 1879; Plon-Nourrit, Paris, 1891; Plon-Nourrit, Tours, 1913; E. Arrault.

Oito edições em português com trinta e dois mil volumes (Rio de Janeiro, 1874; Tipografia Americana, 240 págs. in-16).

Tradução de Salvador de Mendonça, — H. Garnier, 240 págs. in-16, 1901. Tradução do barão de Ramiz Galvão e reedições sucessivas. — Setima edição, impressa pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), Tradução de Afonso de E. Taunay.

Traduções: Em alemão, pelo conselheiro Schneider, leitor do imperador Guilherme I. Em sueco, pelo cavalheiro Rosen. Em espanhol, por S. Maramba.

**A Retirada da Laguna** inspirado ao escritor português Eduardo de Noronha um romance histórico — "O guia de Mato Grosso", Coimbra, 1909, págs. 374, e ao autor italiano Adeodato Facconti um episódio teatral "Sangue brasileiro", 1921, página 58.

**Diário do Exército**, Campanha das Cordilheiras (Rio de Janeiro, 1870; Tipografia Nacional, 404 págs. in-8).

Reeditado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo em dois volumes: "A Campanha da Cordeirinha" e "De Campo Grande a Aquidauana" (1927).

**Relatório geral da comissão de engenheiros junta às forças de Mato Grosso** (1865-1866). Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (1874), tomo 37, p. II, 188 págs. in-8).

**Viagem de regresso de Mato Grosso à Corte** (1869, ibid., 732, p. II, 46 págs. in-8). Inserido nas "Viagens de outrora". Vd. mais adiante.

**Cartas da campanha** (São Paulo, 1921; Weiszlog Irmãos, 200 págs. in-16).

**VIAGENS, DESCRIÇÕES DA NATUREZA BRASILEIRA**

**Cenas de viagem** (Rio de Janeiro, 1868; Tipografia Americana, 189 págs. in-16). Reeditada em 1923 (São Paulo, Irmãos Marrano, 210 págs. in-16).

**Céus e terras do Brasil**, publicado sob o pseudônimo de Silvino Dinarte (Rio de Janeiro, 1883; G. Leuzinger e Filhos, 126 págs. in-16).

Seis edições com doze mil volumes. Traduções em alemão pelo dr. Carlos Müller e em espanhol pelo dr. F. Quesada (na imprensa).

**Curiosidades naturais do Paraná**. Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tomo 53, p. I (1890), 48 págs. in-8. As **Caldas da Imperatriz**, ibid., tomo 42, p. II (1872), 16 págs. in-8. Estes dois trabalhos se incluem a obra "Paisagens brasileiras", edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo (São Paulo, 1926).

**Visões do sertão** (São Paulo, 1923; 247 págs. in-16).

**Viagens de outrora** (São Paulo, 1921; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), 164 págs. in-16). Reeditado em 1915.

**MEMÓRIAS, DEPOIMENTOS PRESSOAS, AUTOBIOGRAFIA**

**Trechos de minha vida** (São

Paulo, 1911; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), 218 págs. in-16).

**Reminiscências** (Francisco Alves & Cia., 1908; 339 págs. in-12 — Reedição de 1923 pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), 219 págs. in-16).

**Memórias do Visconde de Taunay**. Volumes inéditos, entregue à guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em cuja Arca de Sigilo estão depositados, devendo ser abertos em 1943, se assim o entenderem os herdeiros do autor.

**Recordações de Guerra e de viagem** (São Paulo, 1920; Weiszlog Irmãos, 198 págs. in-16).

Reedição de 1924, Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), 186 págs. in-16.

**Dias de guerra e de sertão** (São Paulo, 1920; Revista do Brasil, 189 págs. in-16) — São Paulo, 1923; reedição de Monteiro Lobato & Cia., 183 págs. in-16.

**Homens e coisas do Império** (São Paulo, 1924; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), 168 págs. in-16).

**CRÍTICA LITERÁRIA E ARTÍSTICA**

**Estudos críticos**. História da guerra do Pacífico: Literatura e Filologia (Rio de Janeiro, 1881; G. Leuzinger & Filhos, 2 vols. in-8 e 92 e 162 págs.).

A "História da guerra do Pacífico" foi reimpressa em 1926 pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (págs. 170, in-16), acrescida de uma parte que a completa, da lavra do dr. Afonso de E. Taunay.

**Impressões e estudos**. Filologia e crítica (São Paulo, 1921; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), 191 págs. in-16).

**Meyerhöfer e os Huguonotes** (Na antiga "Revista Brasileira", 1886; tomo II, 64 págs. in-8).

**Estudo sobre belas artes** (ibid., 1879, tomo I, 31 págs. in-8).

**TEATRO**

**Amelia Smith**, Drama em 4 atos (Rio de Janeiro, 1886; Laemmert & Cia., 152 págs. in-16).

**A conquista do filho**. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Por um trix coronel. Provérbio em 1 ato (Na primeira "Revista Brasileira", tomo III, março de 1880).

**Da mão à boca se perde a sopa**. Provérbio em 1 ato.

**HISTÓRIA, COROGRAFIA E ETNOLOGIA BRASILEIRA**

A cidade de Mato Grosso, o rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima (Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" e em separado, tomo 54, p. II, 110 págs. in-8).

São Paulo, 1925; reedição da Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszlog Irmãos incorporada), 184 págs. in-16, sob o título: "A cidade do ouro e das ruínas".

**Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil** (ibid., tomo 58, p. II, 25 págs. in-8). E em separata (Rio de Janeiro, 1896; Companhia Tipográfica do Brasil, 26 págs. in-8).

A província de Goiás na Exposição Nacional de 1873 (Rio de Janeiro, 1876; Tipografia Nacional, 62 págs. in-8).

**Vocabulário da língua Guani ou Chané** (Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tomo 38, p. II (1875), 29 págs. in-8).

**Os índios caingangas e seu dialeto** (ibid.; suplemento do tomo 51 (1868), 60 págs. in-8).

**QUESTÕES POLÍTICAS E SOCIAIS**

A classe militar perante as Câmaras (Rio de Janeiro, 1879; G. Leuzinger & Filhos, 32 págs. in-8).

O casamento civil (Rio de Janeiro, 1880; Imprensa Nacional, 107 págs. in-16). Segunda edição impressa no mesmo ano.

A nacionalização, a grande naturalização e naturalização

tática (Rio de Janeiro, 1886; Imprensa Nacional, 138 págs. in-16).

**Cartas políticas** (Rio de Janeiro, 1889; G. Leuzinger & Filhos, 77 págs. in-8).

**Que é a imigração?** Opúsculo de propaganda, publicado em 1887.

**Nativismo e patriotismo**. Opúsculo publicado em 1888.

**ASSUNTOS DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**Relatório ao deixar a presidência de Santa Catarina** (Desterro, 1877; J. J. Lopes, 96 págs. in-8).

**Relatório ao deixar a presidência do Paraná** (Curitiba, 1886; Tip. da "Gazeta Paranaense", 145 págs. in-8).

**ASSUNTOS DE VULGARIZAÇÃO CIENTÍFICA**

**Como me tornei knieppista** (Rio de Janeiro, 1895; Laemmert & Cia., 213 págs. in-16).

Teve este livro em pouco tempo seis edições.

**DISCURSOS PARLAMENTARES E ACADEMICOS, ORAÇÕES FUNEBRES**

**PROFERIDOS NA CÂMARA DE DEPUTADOS E PUBLICADOS EM FOLHETOS**

**Sobre o projeto de fixação das forças de terra: sobre os limites de Goiás e Minas Gerais**. Três discursos proferidos em 1877 (Rio de Janeiro, 1877; G. Leuzinger & Filhos, 64 págs. in-8).

**Sobre a fixação das forças de terra, a 14 de abril de 1882, na Câmara dos Deputados** (Rio de Janeiro, 1882; Tipografia Nacional, 39 págs. in-32).

**Sobre o orçamento da Justiça, a 1.º de maio de 1882** (Rio de Janeiro, de 1882; Tipografia Nacional, 40 págs. in-32).

**Sobre a barra do Rio Grande: A D. Pedro I Ralway, a 17 de junho de 1882**. Rio de Janeiro, 1882; Tipografia Nacional, 44 págs. in-32).

**Sobre o orçamento da Marinha, a 29 de junho de 1882** (Rio de Janeiro, 1882; Tipografia Nacional, 50 págs. in-32).

**Sobre o orçamento da Fazenda, a 22 de agosto de 1882** (Rio de Janeiro, 1882; Tipografia Nacional, 39 págs. in-32).

**Sobre o orçamento da Guerra, a 5 de junho de 1883** (Rio de Janeiro, 1883; Tipografia Nacional, 76 págs. in-32).

**NO SENADO**

**Sobre o orçamento do Ministério da Agricultura, a 10 e 11 de setembro de 1886; sobre o porto de São Francisco, a 7 de setembro de 1886** (Rio de Janeiro, 1886; Leuzinger & Filhos, 51 págs. in-8 e outros).

**NO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO**

Na sessão magna aniversário, a 15 de dezembro de 1876, como orador interino. Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tomo 33, p. II, 24 págs. in-8).

Na sessão magna aniversário, a 15 de dezembro de 1887, como orador oficial. Ibid., tomo 500, p. II, 14 págs. in-8. Em separata (Rio de Janeiro, 1889; G. Leuzinger & Filhos, 19 págs. in-8).

Na sessão magna aniversário, a 15 de dezembro de 1888, como orador oficial. Ibid., tomo 51, suplemento (1888), 40 págs. in-8. Em separata (Rio de Janeiro, 1889; G. Leuzinger & Filhos, 16 págs. in-8).

Em homenagem a Carlos Gomes, no Congresso Militar, a 25 de julho de 1890 (Rio de Janeiro, 1890; G. Leuzinger & Filhos, 10 págs. in-8).

Orações proferidas à beira do túmulo do marquês de Sapucaia, do conde de Porto Alegre, de José de Alencar, do marquês de Herval, do duque de Caxias, do visconde do Rio Branco, etc.

**BIOGRAFIAS**

**O Visconde do Rio Branco** (Rio de Janeiro, 1884; G. Leuzinger & Filhos, 88 págs. in-24).

O Coronel Antonio Florencio Pereira do Lago. Na "Revista do

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tomo 50, p. II, 19 págs. in-8. Em separata pela Companhia Tipográfica do Brasil.

**João Baptista Marques da Cruz**. Ibid., tomo 60, p. II, 14 págs. in-8.

**Dr. Luiz Couty**. Ibid., tomo 60, p. I, 14 págs. in-8.

**O Visconde de Beaurepaire-Rohan**. Ibid., tomo 50, p. I, 17 págs. in-8.

**Augusto Leverger**, Barão de Melgaço. Ibid., tomo 60, p. II, 47 págs. in-8. Na nova "Revista Brasileira".

**O Padre José Maurício Nunes Garcia**. Ibid., (1895-1897), tomos IV, V, III e IX.

**TRADUÇÕES**

**A expedição do Consal Langsdorff no interior do Brasil, por Heracles Florencio**. Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tomo 38, p. I, 233 págs. in-8 (1875); tomo 39, p. II, 72 págs. in-8; 39, p. II, 26 págs. in-8).

**Zoonofia**. Memória de Heracles Florencio; tomo 39, p. II, 16 págs. (1876).

**COLABORAÇÃO NA IMPRENSA**

Escreveu o visconde de Taunay enorme copia de artigos e correspondências em diversos jornais fluminenses, mineiros e paulistas sobre numerosos e os mais variados assuntos. Damos este material para a coleção de decenas de volumes.

Entre os jornais em que colaborou notam-se: o "Jornal do Comércio", a "Gazeta de Notícias", a "Gazeta da Tarde", a "Notícia", o "Comércio do São Paulo", o "Imparcial" (de São Paulo), a "Cidade de Campinas", a "Gazeta de Petrópolis", o "Correio de Petrópolis", etc.

Nos dois primeiros órgãos, sobretudo, imprimiu milhares de artigos. De 1871 a 1875, escreveu diariamente em defesa da subleito Rio Branco sob os pseudônimos: **A Sentinela**, **Tory**, **A Voz de Siracusa**, etc. Na "Gazeta de Notícias", na de 1879 a 1891, milhares de comentários seus, extensos uns, outros curtos, notas, cartas à redação, etc., sobre questões políticas e sociais, sobretudo, e permitindo-se aos assuntos seguintes: imigração e localização dos imigrantes europeus, locação de serviços, pequena propriedade, imposto territorial, Lei Torrens, Grande naturalização, movimento civil, secularização de cemitérios, Abolição da escravidão, Repulsa à introdução de asiáticos, etc.

De 1891 em diante colaborou muito menos assiduamente neste jornal, publicando somente numerosos artigos sobre o Sistema Kneipp (1894-1896), a Arsonalização (1897), extratos das Memórias, alemãs e Sombrinhas, extensa coleção de anedotas, vários contos, muitas críticas de arte, literatura, etc.

**COMPOSIÇÕES MUSICAIS**

**Chopinianas**, valsa para piano no estilo de Chopin: Immer immer! op. 6. — Deux souvenirs, op. 7. — Sehnsucht, Adieu, adieu, op. 11. — Valsa em do sustenido menor, op. 64.

**Pecas sacras**, para canto e órgão: Ave-Maria de Carlos Paixão, op. 51. — Segunda Ave-Maria, op. 60. — Terceira Ave-Maria, op. 63. — O Salutaris, op. 54. — Segundo O Salutaris, op. 62.

Para vozes masculinas e femininas e acompanhamento de órgão: Sialat Mater, op. 49 e Pange Lingua, op. 63.

**Romances**, para canto e piano: Doute d'Amor, op. 2. — La Jalouse, op. 3. — Berceuse, op. 33. — Te souvenirs-tu? op. 21. — Souviens-toi op. 38. — Non, Ninon! op. 42.

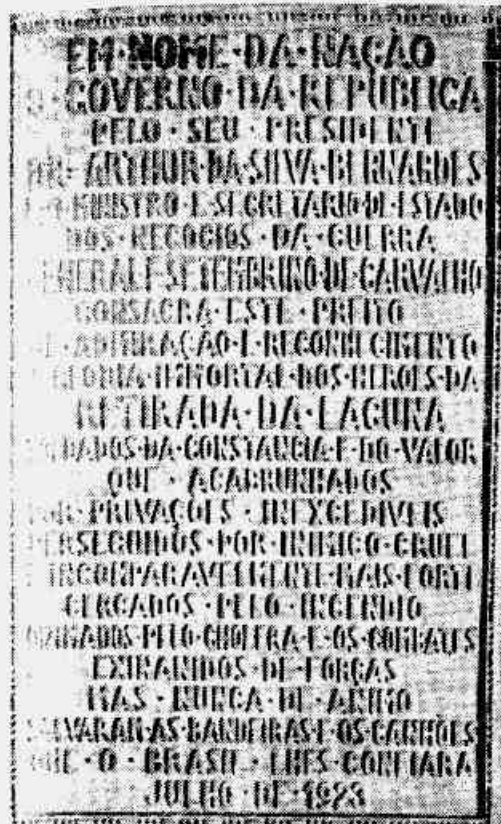
**Valsa de salão**: Desir de plaisir, op. 15. — Bonheur de vivre, op. 18. — Sarriso, op. 17. — Cd d'allegrance, op. 18. — L'Éclat, op. 20. — Georgina, op. 22. — Tentatrice, op. 43.

**Mazurkas**: L'entrainante, op. 40. — Plantes d'amour, op. 41. — Estudos de concerto, etc.

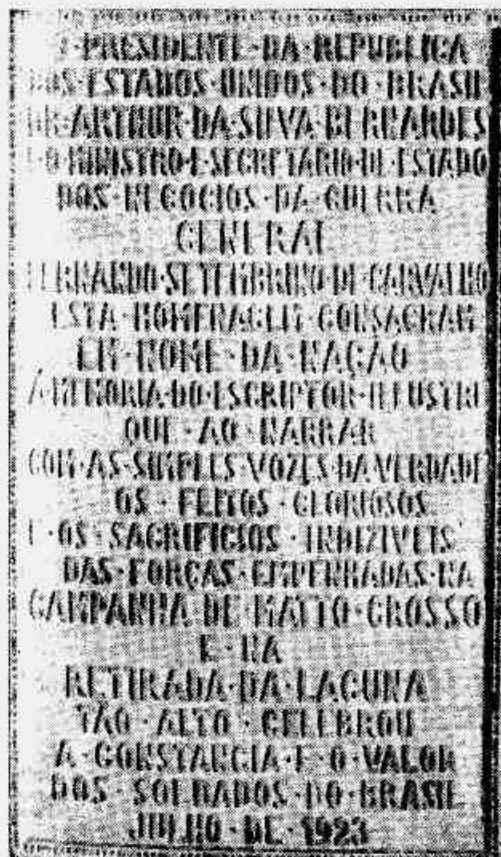
(Continua na pág. 132)

# Duas placas históricas

## A homenagem do Instituto Histórico, ao Visconde de Taunay na palavra de Joaquim Nabuco



Placa dedicatória do movimento à "Retirada da Lagoa", em Nioa, mandada por em julho de 1923



Placa dedicatória do movimento ao Visconde de Taunay, erguido em Aquidauana (julho de 1923)

"Venho trazer ao contemporâneo ilustre, que o nosso país acaba de perder, as derradeiras homenagens do Instituto Histórico, ao qual ele pertenceu por tantos anos e do qual se separou na exaltação de um sentimento generoso, mas onde por isso mesmo não diminuiu nunca o amor e a admiração que todos lhe votavam, e também a saudade da Academia de Letras, para a qual é esta perda uma grande provação, porque ele não era só um espírito radiante, era para nós um centro, uma força de presença... Não posso, porém, trazer ao seu túmulo essas tributos das duas Associações, uma, teatro de sua invejada mocidade, a outra, retiro do seu inconsoado declínio, sem dizer meu próprio adeus ao companheiro, ao amigo, de quem me separo... Acho-me sob a impressão de que tudo isto é um sonho: imagino ainda Taunay vivo no meio de nós, não o vejo morto, e algum tempo passará antes que eu conceda à realidade de todos os seus tristes direitos... E preciso sentir-me na sua ausência em nossas reuniões, perdermos um a um os hábitos que ele formou em nós, para, os seus amigos da última fase da vida, compreendermos em toda sua extensão o acontecimento de ontem, o alcance desta cerimônia... Não é no dia seguinte que eu pelo menos posso sentir toda a tristeza da data de 25 de janeiro, que para mim escurece o ano... É um amargo que tem que ser sorvido aos poucos... Mas o que se pode, sim calcular desde já é a perda que sofre o nosso país tão reduzido em sua glória com o desaparecimento de Taunay. E o caso de perguntar: quem nos resta? Que outro nome posso adquirir direito de cidade em outras literaturas? A dor de nenhuma outra morte brasileira repercutiria tão longe e se espalharia tanto como a desta... Ah! eu sei que há muito quem julgue fácil fazer a "Retirada da Lagoa" ou "Inocência". O mundo, o estrangeiro, porém, não o julga... O na-

tural, o simples parece ao alcance de todos, e é o que está mais longe... Mas não é somente como literato que ele avulta: é como individualidade, é pelo conjunto das qualidades e da ação, é pelo fluido que ele desprende, pela eletrização do ambiente em redor de si, pelas correntes que transmite, pelo volume de opinião que desloca em seu tempo... Nesse sentido, Taunay foi um modelador do novo Brasil, porque este será o campo das grandes migrações européias como o outro o fora das antigas importações, ou dos últimos resíduos africanos... E, mais que tudo, pela supremacia em sua vida da aspiração nobre, do elemento ideal, como se ela fosse o seu verdadeiro romance. Sua figura forma quadro desde a adolescência até a morte... Ele começa como um jovem atencioso combatendo pela pátria em uma expedição longínqua e logo escreve para principiar uma narração dessa retirada, que o fez comparar a Xenophonte... Na mocidade está ao lado de Rio Branco, de quem se faz o pregoeiro... Morreu Rio Branco, ele é o seu próprio líder, o esboçador de uma política aberta de atração e incorporação do estrangeiro, a qual deixa na sombra tudo que o liberalismo havia sonhado de mais amplo até então; no movimento da abolição, se a princípio receia a avalanche, tem logo a coragem de separar-se do seu partido, para apoiar o gabinete Dantas; por último, depois de 15 de novembro só pensa em acabar bem, de acordo com seu passado, e, o que mais é consigo mesmo, com seu temperamento, com seus instintos, com sua tonalidade própria, e então como que resume sua existência em engrandecer a memória de D. Pedro II. E que o seu espírito precisava de uma grande afeição para se sustentar de si... Ele sentia que sua época tinha acabado; que se havia tornado estranho à nova geração; que lhe era impossível tomar parte outra vez na vida pública, mesmo quando

renunciasse à ideia de restauração, sem subscrever uma série de condições que seriam a apostasia dos seus princípios, se não a renúncia de seu cavalheirismo, e nessa inatividade forçada via atrofiar-se-lhe a imaginação e a iniciativa... Ah! senhores, tenho medo de insensivelmente deslizar, e é forçoso que partamos daqui... Adeus, meu caro Taunay! Tu sabes, tu sentes que te tornaste para nós ainda mais querido do que eras, deixando-nos; que tudo que diz respeito ao teu nome, à tua memória, à tua obra, serão outras tantas relíquias que havemos de recolher preciosamente; que tua lembrança será um elo de amizade e simpatia entre os que te foram afeiçoados... A morte foi o "bon à tirer" que Deus deu à tua vida... Cada um de nós quer agora o seu exemplar, a edição definitiva. Se morrestes em um momento de tristeza, morrestes ainda, entretanto, em uma época relativamente risonha, pensando-se no que vai ser a asperza, a esterilidade da jornada que nos resta, e não creio que tenhas inveja de nós... Quanto a nós, querido amigo, aqui te deixamos, inconsoáveis, mas certos de que não ficaremos um instante só... Tens bem perto André Rebouças, que ainda ontem, acompanhavas a esta morada, e que não te deixará entrar sozinho no reino das sombras... terás, amanhã, teu outro amigo Carlos Gomes, Rio Branco, Pedro II, com os quais poderás falar à vontade da nossa terra... Ela recebeu-te mais bela do que o mundo e parecer-te-á, estou certo, mais bela do que o infinito... E que teu amor por ela foi o infinito que cabia em ti... Tua vida parece um voto feito pelos teus antepassados, que um dia ela acolheu: alguma coisa acima e além da tua própria vontade... Um dia esse amor supremo que lhe tiveste te será retribuído... O Brasil inteiro terá orgulho de ti, já o tem... Adeus, meu querido Taunay, adeus!"

## ADEUS A TAUNAY

José Verissimo

## Dedicatória da "Retirada da Lagoa"

"Abeiro-me deste túmulo mal fechado para dizer em nome da "Revista Brasileira" e dos seus colaboradores, especialmente daqueles que num doce convívio diário dos quatro últimos anos mais de perto o trataram e conheceram, o nosso último adeus ao colaborador ilustre, ao confrade, eminente e ao amigo querido que ele acaba de, para sempre, separar de nós.

"O Visconde de Taunay deixa na nossa história contemporânea um nome de que nós, seus colaboradores, seus confrades ou seus amigos, nos desvancemos.

Da sua atividade útil como homem político e como homem público são avultadas as provas, e o valor de sua obra de propaganda no domínio da política, a importância do seu concurso para a resolução de problemas do mais alto interesse prático para o país, não farão senão crescer. Ele é desses cuja obra o tempo engrandece, longe de diminuir.

"Da sua obra literária, copiosa e variada, não preciso dizer mais senão que ele deu à nossa literatura um livro universal, e à nossa emoção patriótica, páginas que, sem encarecimento, sobrepõem as de Xenophonte.

"Este morto poderia dizer como o guerreiro tebanos que deixa duas filhas imortais, "Inocência" e a "Retirada da Lagoa".

"Mas a obra dos grandes escritores é patrimônio comum dos filhos da mesma terra e dos que falam a mesma língua. Nela palpitam os nossos sentimentos, nela sentimos reviver paixões, ideias, pensamentos que interpretam os nossos. A glória é a solidariedade agradável que nos liga aos que nos definiram e nos explicaram. Nós sentimos-nos em grau eminente solidários com a obra realmente humana do Visconde de Taunay.

"Com ele sentimos que não desaparece apenas um confrade e amigo querido, mas uma individualidade característica, e, sob a aparência amável da facilidade do trato íntimo, da bonhomia das relações, realçada por um espírito alegre, vivo, prazenteiro, um caráter digno e inteiro.

"Ele nos repetiu mais de uma vez nas palestras íntimas e despretensiosas da redação da "Revista", aludindo à sua posição no novo regime que só um ambicionado tinha, a de acabar bem. "E, assim acabou, senhores, dando ao seu país — que amou intensamente — toda a sua atividade intelectual, e o exemplo, acaso mais excelente ainda, de uma rara fidelidade aos princípios a que se devotara.

"Entre nós ele deixa, com um claro impreenchível, a lembrança saudosa, profundamente saudosa, do companheiro assíduo, desejado, afável, bom, que todos nós queríamos extremamente".

A sua majestade o senhor D. Pedro II, imperador do Brasil. Senhor.

Ao se render Uruguiana, inaugurou vossa majestade, na América do Sul, a guerra humanitária, a que aos prisioneiros poupa e salva, trata feridos inimigos com os desvelos dispensados aos compatriotas, a que considerando a efusão de sangue humano deplorável contingência, aos poucos apenas impõe os sacrifícios indispensáveis ao sólido estabelecimento da paz.

E é principalmente sob este ponto de vista que ouso achar-me autorizado a colocar sob o augusto patrocínio imperial a desafiada narrativa da "Retirada da Lagoa", obra da constância e da disciplina, em que os oficiais de vossa majestade, devendo defender, por entre obstáculos os mais diversos, as bandeiras e os canhões a eles confiados, jamais cessaram, quanto lhes foi possível, de conter o legítimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo furor do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares índios, vingativos como totem ser.

E este reflexo de um grande ato de iniciativa soberana, a mais bela recordação que jamais poderemos entre camarádas invocar; cabe-me a honra de a vossa majestade dedicá-la. De vossa majestade imperial súdito e servidor, muito humilde e obediente, Alfredo d'Esmergnole Taunay.







## O BEIJO DA MUCAMBA — VISCONDE DE TAUNAY

O dia passou. Trajano sem molécula de Amélia. A impaciência que o talava, tocava a sua vida com o final das coisas e a perspectiva de sua obrigação. Pensou que vez ir afoutamente perguntar ao mesmo Silveira a razão desse estado de coisas; quis falar a seu pai e todo o santo dia ficava no sentindo da cidade numa das pedras do Te como Robinson na sua ilha.

Afinal reapareceu Berta mais pequena do que nunca; vinha vestida com cuidado, bem penturada, com um lenço novo vermelho alando ao pescoço e sobre o qual se abalgavam as voltas de um cordão de ouro em que se achava uma moedinha dada por Trajano. Havia sido furada na altura do olho de Jordão IV, de modo que aquele moedinha parecia transformado em Cleopatra.

— Ao chegar à margem, a mulatinha começou a rir.

— Vem, sr. Trajano, disse, como se fosse o sr. Trajano?

— Que fim levaste? perguntou-lhe.

— Estive trabalhando. Não sou como o senhor. Eu cá não tenho férias.

— Oito dias?

— Pois então? Que é a minha vida inteira senão trabalho e mais trabalho? Não sou eu escravo? — e sua voz tornou-se sarcástica — o meu tempo pertence aos meus senhores, isto é, a minha senhora Amélia.

— Então foi ela quem te reteve?

— Não, sim!

— Mas eu leu minha carta?

— Isto agora é uma história muito complicada... Quase vi tua perdição.

Depois que mostrei sua carta a s'nhá ficou ela furiosa, parecia desatinada e até falou de ir contar tudo ao senhor Welbo.

— Mas por quê? exclamou Trajano.

— Eu lá sei?! Caprichos de gente branca. Eu deixei passar alguma coisa e p'is a carta em cima do tocador. Esperei e esperei. S'nhá segurou-a, virou e um lado para outro, quis abri-la, tornou a largá-la, afi- zentou por mim. Entrei com um ar de santinha... Berta, me disse ela, bem te avisel, que não quero ler esta carta... Pola s'nhá, respondi-lhe, bote-a fora, que hei de eu fazer dela?

— Vamos queimá-la! — E tomou o facre... Coitadinha, do bumbum então, coitadinha! Me vai para o fogo sem culpa nenhuma. Ah! se eu soubesse que tu agora saber o que é que eu quero quem com a s'nhá. Me leia um pedaço, s'nhá, só o fim... Ela resistiu ainda, mas tanto roguei que por fim deixou tudo. Depois ela guardou a carta e tem andado muito triste e amuada contra mim.

— Ora, não tem razão.

— Éo c'rida... Mas eu não com esses arrufos... Ela não de vir cá... hei de trazê-la a casa o...

— Até aqui? Berta tu não és capaz de conseguir isso.

— Ah se sou... E' questão de capricho.

— Sim, traze-a cá...

— Estou lhe dando jeito. Ela está brava...

— Mas o senhor é muito ingrate...

— Éu? ingrato?... por que?

— Nem sequer olha para mim.

— Estou te vendo; estás muito chibante com o bonito cordão de ouro e a moedinha.

— Tra-la-ei sempre comigo, porque me foi dada pelo senhor, disse com intenção Berta. E este lenço assenta em mim?

— Muito, está lindo.

— O que? O lenço?

— O lenço em ti... Já se sabe.

— Mas eu não sou bonita...

— Quem te disse?

— Eu que sei... O senhor é muito bom, por isso gosto muito de vosmecê. Se não fosse esta amizade... eu não lhe pediria uma coisa que...

— Aviso-lhe, interrompeu Trajano, que não tenho hoje nada para te dar.

— Também quem lhe pediu dinheiro?

— Mas, disse Trajano procurando desviar a conversa, o que fará Amélia depois que...

Berta cortou-lhe a palavra com animação:

— Não me aborreça, senhor, deixemos por ora Amélia.

— Mulata! contestou o moço com severidade, não fales assim de tua senhora.

— Ah! está hoje de mau humor? Aí eu?

— Diga, Berta, que quer de mim?

— Nada quero, vou-me embora.

— Não sejas tola, vamos ver... Qual?

— Ora...

— Estou de viagem...

— Berta!

— Pois o senhor está com tolices.

— Me pedias uma coisa...

— E era era bem simples...

— Pois desde já está dada...

— Arrapenhi-me do que lhe ia pedir...

— Rapariga, não te faças de zangada.

Neste ponto a conversa foi interrompida, por isso que chegou alguém. Trajano de um só pulo escondeu-se por trás dos bancos; Berta esqueceu-se por baixo de umas árvores e desapareceu como uma cobra.

No dia seguinte estavam juntos no mesmo lugar, e o colóquio se empenhava animado:

— A s'nhá está quase resolvida...

— Consegue isto, Berta, que eu te darei um corio de vestino de seda, custe o que custar. Se eu tivesse lá muita dinheiro a deslricho, enchia-te as mãos de ouro...

— Não sou má exigente. O que quero é uma coisa esquisita e ao mesmo tempo muito fácil.

— Fala então, está feito...

— Não se zangará comigo?

— Eu, que sou tão obrigado a ti?

— Vê lá!

— Basta dizer.

Houve uns instantes de silêncio, durante os quais Berta mostrou ou fingiu mostrar hesitação. Afinal disse com prudência, bem que na faces se lhe tingissem ligeiramente de vermelho:

— Pois bem, quero lhe dar um beijo na testa.

Trajano corou.

— Ora, respondeu com calma aparente, só isto. E' já. E estendeu-lhe a fronte.

Berta olhou-o fixamente, como que possuía de enleio, segurou-lhe na cabeça, aproximou os lábios ardentes e imprimiu um beijo prolongado e perfumado não na testa, mas sobre as faces do moço.

Este sentiu-se fora de si, abriu com força a esbelta rapariga, ao passo que dos olhos parecia saírem-lhe chispas de fogo.

— Não faça isso, murmurou Berta com voz sumida.

— Querés um beijo, exclamou Trajano, eu quero mil!

Berta resistiu.

— Deix-me, nhô Trajano, isto foi brincadeira.

E dando um jeito ao corpo, desenvinculou-se do abraço como uma enguia.

Correu alguns passos e parou.

— Não sejas tola, vamos ver... Qual?

— Ora...

— Estou de viagem...

— Berta!

— Pois o senhor está com tolices.

— Me pedias uma coisa...

— E era era bem simples...

— Pois desde já está dada...

— Arrapenhi-me do que lhe ia pedir...

— Rapariga, não te faças de zangada.

Neste ponto a conversa foi interrompida, por isso que chegou alguém. Trajano de um só pulo escondeu-se por trás dos bancos; Berta esqueceu-se por baixo de umas árvores e desapareceu como uma cobra.

No dia seguinte estavam juntos no mesmo lugar, e o colóquio se empenhava animado:

— A s'nhá está quase resolvida...

— Consegue isto, Berta, que eu te darei um corio de vestino de seda, custe o que custar. Se eu tivesse lá muita dinheiro a deslricho, enchia-te as mãos de ouro...

— Não sou má exigente. O que quero é uma coisa esquisita e ao mesmo tempo muito fácil.

— Fala então, está feito...

— Não se zangará comigo?

— Eu, que sou tão obrigado a ti?

— Vê lá!

— Basta dizer.

Houve uns instantes de silêncio, durante os quais Berta mostrou ou fingiu mostrar hesitação. Afinal disse com prudência, bem que na faces se lhe tingissem ligeiramente de vermelho:

— Pois bem, quero lhe dar um beijo na testa.

Trajano corou.

— Ora, respondeu com calma aparente, só isto. E' já. E estendeu-lhe a fronte.

Berta olhou-o fixamente, como que possuía de enleio, segurou-lhe na cabeça, aproximou os lábios ardentes e imprimiu um beijo prolongado e perfumado não na testa, mas sobre as faces do moço.

Este sentiu-se fora de si, abriu com força a esbelta rapariga, ao passo que dos olhos parecia saírem-lhe chispas de fogo.

— Não faça isso, murmurou Berta com voz sumida.

— Querés um beijo, exclamou Trajano, eu quero mil!

Berta resistiu.

— Deix-me, nhô Trajano, isto foi brincadeira.

E dando um jeito ao corpo, desenvinculou-se do abraço como uma enguia.

Correu alguns passos e parou.

— Não sejas tola, vamos ver... Qual?

— Ora...

— Estou de viagem...

— Berta!

— Pois o senhor está com tolices.

— Me pedias uma coisa...

— E era era bem simples...

— Pois desde já está dada...

— Arrapenhi-me do que lhe ia pedir...

— Rapariga, não te faças de zangada.

Neste ponto a conversa foi interrompida, por isso que chegou alguém. Trajano de um só pulo escondeu-se por trás dos bancos; Berta esqueceu-se por baixo de umas árvores e desapareceu como uma cobra.

No dia seguinte estavam juntos no mesmo lugar, e o colóquio se empenhava animado:

— A s'nhá está quase resolvida...

— Consegue isto, Berta, que eu te darei um corio de vestino de seda, custe o que custar. Se eu tivesse lá muita dinheiro a deslricho, enchia-te as mãos de ouro...

— Não sou má exigente. O que quero é uma coisa esquisita e ao mesmo tempo muito fácil.

— Fala então, está feito...

— Não se zangará comigo?

— Eu, que sou tão obrigado a ti?

— Vê lá!

— Basta dizer.

Houve uns instantes de silêncio, durante os quais Berta mostrou ou fingiu mostrar hesitação. Afinal disse com prudência, bem que na faces se lhe tingissem ligeiramente de vermelho:

— Pois bem, quero lhe dar um beijo na testa.

Trajano corou.

— Ora, respondeu com calma aparente, só isto. E' já. E estendeu-lhe a fronte.

Berta olhou-o fixamente, como que possuía de enleio, segurou-lhe na cabeça, aproximou os lábios ardentes e imprimiu um beijo prolongado e perfumado não na testa, mas sobre as faces do moço.

Este sentiu-se fora de si, abriu com força a esbelta rapariga, ao passo que dos olhos parecia saírem-lhe chispas de fogo.

— Não faça isso, murmurou Berta com voz sumida.

— Querés um beijo, exclamou Trajano, eu quero mil!

Berta resistiu.

— Deix-me, nhô Trajano, isto foi brincadeira.

E dando um jeito ao corpo, desenvinculou-se do abraço como uma enguia.

Correu alguns passos e parou.

— Não sejas tola, vamos ver... Qual?

— Ora...

— Estou de viagem...

— Berta!

— Pois o senhor está com tolices.

— Me pedias uma coisa...

— E era era bem simples...

— Pois desde já está dada...

— Arrapenhi-me do que lhe ia pedir...

— Rapariga, não te faças de zangada.

Neste ponto a conversa foi interrompida, por isso que chegou alguém. Trajano de um só pulo escondeu-se por trás dos bancos; Berta esqueceu-se por baixo de umas árvores e desapareceu como uma cobra.

No dia seguinte estavam juntos no mesmo lugar, e o colóquio se empenhava animado:

— A s'nhá está quase resolvida...

— Consegue isto, Berta, que eu te darei um corio de vestino de seda, custe o que custar. Se eu tivesse lá muita dinheiro a deslricho, enchia-te as mãos de ouro...

— Não sou má exigente. O que quero é uma coisa esquisita e ao mesmo tempo muito fácil.

— Fala então, está feito...

— Não se zangará comigo?

— Eu, que sou tão obrigado a ti?

— Vê lá!

— Basta dizer.

Houve uns instantes de silêncio, durante os quais Berta mostrou ou fingiu mostrar hesitação. Afinal disse com prudência, bem que na faces se lhe tingissem ligeiramente de vermelho:

— Pois bem, quero lhe dar um beijo na testa.

Trajano corou.

— Ora, respondeu com calma aparente, só isto. E' já. E estendeu-lhe a fronte.

Berta olhou-o fixamente, como que possuía de enleio, segurou-lhe na cabeça, aproximou os lábios ardentes e imprimiu um beijo prolongado e perfumado não na testa, mas sobre as faces do moço.

Este sentiu-se fora de si, abriu com força a esbelta rapariga, ao passo que dos olhos parecia saírem-lhe chispas de fogo.

— Não faça isso, murmurou Berta com voz sumida.

— Querés um beijo, exclamou Trajano, eu quero mil!

Berta resistiu.

— Deix-me, nhô Trajano, isto foi brincadeira.

E dando um jeito ao corpo, desenvinculou-se do abraço como uma enguia.

Correu alguns passos e parou.

— Não sejas tola, vamos ver... Qual?

— Ora...

— Estou de viagem...

— Berta!

— Pois o senhor está com tolices.

— Me pedias uma coisa...

— E era era bem simples...

— Pois desde já está dada...

— Arrapenhi-me do que lhe ia pedir...

— Rapariga, não te faças de zangada.

Neste ponto a conversa foi interrompida, por isso que chegou alguém. Trajano de um só pulo escondeu-se por trás dos bancos; Berta esqueceu-se por baixo de umas árvores e desapareceu como uma cobra.

No dia seguinte estavam juntos no mesmo lugar, e o colóquio se empenhava animado:

— A s'nhá está quase resolvida...

— Consegue isto, Berta, que eu te darei um corio de vestino de seda, custe o que custar. Se eu tivesse lá muita dinheiro a deslricho, enchia-te as mãos de ouro...

— Não sou má exigente. O que quero é uma coisa esquisita e ao mesmo tempo muito fácil.

— Fala então, está feito...

— Não se zangará comigo?

— Eu, que sou tão obrigado a ti?

— Vê lá!

— Basta dizer.

Houve uns instantes de silêncio, durante os quais Berta mostrou ou fingiu mostrar hesitação. Afinal disse com prudência, bem que na faces se lhe tingissem ligeiramente de vermelho:

— Pois bem, quero lhe dar um beijo na testa.

Trajano corou.

— Ora, respondeu com calma aparente, só isto. E' já. E estendeu-lhe a fronte.

Berta olhou-o fixamente, como que possuía de enleio, segurou-lhe na cabeça, aproximou os lábios ardentes e imprimiu um beijo prolongado e perfumado não na testa, mas sobre as faces do moço.

Este sentiu-se fora de si, abriu com força a esbelta rapariga, ao passo que dos olhos parecia saírem-lhe chispas de fogo.

— Não faça isso, murmurou Berta com voz sumida.

— Querés um beijo, exclamou Trajano, eu quero mil!

Berta resistiu.

— Deix-me, nhô Trajano, isto foi brincadeira.

E dando um jeito ao corpo, desenvinculou-se do abraço como uma enguia.

Correu alguns passos e parou.

— Não sejas tola, vamos ver... Qual?

— Ora...

— Estou de viagem...

— Berta!

— Pois o senhor está com tolices.

— Me pedias uma coisa...

— E era era bem simples...

— Pois desde já está dada...

— Arrapenhi-me do que lhe ia pedir...

— Rapariga, não te faças de zangada.

Neste ponto a conversa foi interrompida, por isso que chegou alguém. Trajano de um só pulo escondeu-se por trás dos bancos; Berta esqueceu-se por baixo de umas árvores e desapareceu como uma cobra.

No dia seguinte estavam juntos no mesmo lugar, e o colóquio se empenhava animado:

— A s'nhá está quase resolvida...

— Consegue isto, Berta, que eu te darei um corio de vestino de seda, custe o que custar. Se eu tivesse lá muita dinheiro a deslricho, enchia-te as mãos de ouro...

— Não sou má exigente. O que quero é uma coisa esquisita e ao mesmo tempo muito fácil.

— Fala então, está feito...

— Não se zangará comigo?

— Eu, que sou tão obrigado a ti?

— Vê lá!

— Basta dizer.

Houve uns instantes de silêncio, durante os quais Berta mostrou ou fingiu mostrar hesitação. Afinal disse com prudência, bem que na faces se lhe tingissem ligeiramente de vermelho:

— Pois bem, quero lhe dar um beijo na testa.

Trajano corou.

— Ora, respondeu com calma aparente, só isto. E' já. E estendeu-lhe a fronte.

Berta olhou-o fixamente, como que possuía de enleio, segurou-lhe na cabeça, aproximou os lábios ardentes e imprimiu um be

# BIBLIOGRAFIA DE "INOCÊNCIA"

## Edições em português:

- 1ª) Tipografia Nacional, 1872, Rio de Janeiro, 239 págs. in-7.
- 2ª) G. Louzanger & Filhos, 1881, Rio de Janeiro, 241 págs. in-8.
- 3ª) Lacomart & Cia., 1889, Rio de Janeiro, 414 págs. in-16.
- 4ª) Lacomart & Cia., 1899, Rio de Janeiro, 421 págs. in-16.
- 5ª) Lacomart & Cia., 1899, Rio de Janeiro, 421 págs. in-16.
- 6ª) Miguel Melillo & Cia., 1903, São Paulo, 415 págs. in-16.
- 7ª) Miguel Melillo & Cia., 1903, São Paulo, 415 págs. in-16.
- 8ª) N. Falcão & Cia., 1904, São Paulo, 421 págs. in-16.
- 9ª) Francisco Alves & Cia., 1912, São Paulo, 292 págs. in-16.
- 10ª) Francisco Alves & Cia., 1915, Tauris, Arrault et Cie., 292 págs. in-16.
- 11ª) Francisco Alves & Cia., 1920, Tauris, Arrault et Cie., 291 págs. in-16.
- 12ª) Edição contrafeita e apreendida pelos herdeiros do Visconde de Taunay, José de Azevedo, Rio de Janeiro, 1920, 259 págs. in-16.
- 13ª) Francisco Alves & Cia., 1921, Tauris, Arrault et Cie., 292 págs. in-16.
- 14ª) Tin. Ideal, de Heitor I. Cantion, São Paulo, 1922, Edição popular de 169 págs. in-16.
- 15ª) Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1924, edição ilustrada de 239 págs. in-16.
- 16ª) Francisco Alves & Cia., 1924, Tauris, Arrault et Cie., 292 págs. in-16.
- 17ª) Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1927, edição ilustrada de 231 págs. in-16 — São Paulo.

## Em francês:

- Folhetim do "Courrier International", de Paris, em 1882.
- Folhetim do "Temps", de Paris (1883).
- Volume in-16 da casa editora Leon Chailley (1904, Paris), tradução da literatura clássica de Taunay (sob o pseudônimo de Olivier du Chatel), 238 págs.

## Em inglês:

- Volume in-16, tradução de Dr. James W. Wells, editado pela livraria Chapman and Hall (1889, Londres), 312 págs. in-16.
- Tradução em volume do Professor Mara Booth Jones de Paterson College, Claremont (Califórnia). Texto em português, acompanhado da nota em inglês, glossário e resumo da gramática portuguesa. D. C. Heath and Co., Boston, 196 págs. in-16.

## Em alemão:

- Folhetim do "Deutsche Zeitung", de Porto Alegre, tradução de Dr. Arno Philipp (1924).
- Edição em volume in-16 (Porto)

Alegre, 1901, Cesar Reinhardt, da tradução precedente, 242 págs. Edição em volume in-16 (Berlín, D. Dreyer & Cia.) em decapagem de data, tradução de Karl Schiller, plágio da tradução precedente, se envolve com mutilações e violentações do texto original, 200 págs.

Edição em volume in-16 da tradução de Karl Schiller, com ilustrações de Max Tille, (Berlín, D. Dreyer & Cia., sem designação de data), 218 págs.

Tradução da tradução de AUTO PUBLISHED por Hermann Gerdtsch & Cia., de Porto Alegre (1922), 216 págs. in-16.

## Em italiano:

- Polietina do Corriere della Sera, de Milão (1894).
- Polietina da "Tribuna", de São Paulo (1899).
- Edição em volume in-16, tradução de publicista G. P. Malan (L. R. Ruffa & Cia., Turim), 294 págs. (1932).

## Em espanhol:

- Folhetim de "La Nación", de Buenos Aires, tradução de Arturo Costa Alvarez.
- Edição da mesma tradução em volume in-14 da "Biblioteca de la Nación" (1902), 291 págs. Segunda edição em 1906.
- Polietina, tradução de José Clementino Soto (Buenos Aires 1907).

Tradução do Dr. José Vicente Cunha, Presidente da Colômbia, editada em volume in-12, Libreria Americana, 247 págs. Prefácio do Dr. Antônio Gomes Restrepo, Bogotá, 1935.

Edição em volume, sem designação do nome do tradutor: Madrid Editorial Puero, 1933, 247 págs. in-16.

Consta a existência de mais duas edições espanholas, já antigas, feitas em Espanha. Foram estas tiragens feitas antes da convenção literária hispano-brasileira.

## Em croata:

Tradução em volume da autoria do Dr. Zoran Nintić ("Zabavna Biblioteka", 1935; Zagreb, págs. 195 in-16).

## Em sueco:

Tradução de Karl Hagberg num jornal de Stockolma, o "Aftonbladet", em folhetim (1896).

## Em dinamarquês:

Tradução do Dr. Rorving Petersen num diário de Copenhague (1894).

## Em polaco:

Tradução do engenheiro Kowalsky publicada num jornal de Varsóvia.

## Em flamengo:

Tradução do rev. cônego Salvers num grande diário belga (1912).

## Em japonês:

Tradução do texto inglês de James W. Wells, feita pelo literato Kawana Kwanzo (1897), editada pela revista japonesa "Fasô" (1898 ou 1900). A esta respeito ver: "The Sun", revista anglo-japonesa, de Tóquio, de março de 1899: "Silvia Dourie, the man of letters of Brazil", por T. Uchida.

Além do estudo da exegese literária da obra do erudito pernambucano Alfredo de Carvalho acerca de "Inocência", surgiu nos Estados Unidos outro alicamento devido ao fim homem de letras prof. Marc Heath Jones: "Charmers saurces of Taunay's Innocência" (1934).

Tem "Inocência" insinuada a diversos autores dramáticos e compositores.

Citamos entre os produtores: S. B. Bonaventura, que lhe adaptou o entrecho ao teatro italiano (1896) e José Clementino Soto, de Buenos Aires, que do romance fez uma peça em espanhol (1907).

Em 1915 três dramaturgos brasileiros, teatralizaram a novela: Carlos Gus, Roberto Gomes e Rodrigues Barbosa, os dois últimos em colaboração.

Citamos ainda uma tentativa de aproveitamento do romance para o teatro: a do Dr. Jorge R. da Cunha.

Destas arregias, subiram à cena os de Carlos Gus e Roberto Gomes. O primeiro dos dramas, turques, e teve um autor dramático, imprimiu a sua peça em volume. Já foi ela representada numerosas vezes e com gerais aplausos. A de Roberto Gomes também obteve excelente acolhimento das platéias fluminenses e paulistas em 1921.

Foi em 1910, levada à cena, em São Paulo uma obra do maestro João Gomes Junior, "La Bocalina", cujo libreto é, em grande parte, sugerido pela novela de Taunay.

O maestro Leo Kessler compôs uma obra "Inocência" sobre um libreto do poeta Emiliano Perceira, obra de que deu audições de canto e orquestra em Curitiba.

Foi "Inocência" ainda o primeiro romance brasileiro aproveitado para o cinematógrafo. Em 1915, exibiu-se nas diversas casas de espetáculo do Brasil uma fita extraída do romance, pelo ator italiano Cavallini.

(Da edição de "Inocência", da Companhia de Melhoramentos de São Paulo, dirigida por Afonso Taunay).



Taunay aos três anos de idade, num retrato de Mariana Rugendas



Monumento ao Visconde de Taunay, erguido em Aquidauana, em 1923, sendo presidente da República o dr. Arthur Bernardes, que o ordenou

## A noite no Sertão — Visconde de Taunay

Mal negreja o lusco-fusco, acendem-se rápidos os astros que povoam o firmamento.

Assim, ainda no alto dos céus correm fugazes lampejos de luz debili e fraca, como últimas ondulações de um líquido que se escapa, e já no ocidente brilha pouco acima do horizonte a vespertina Venus com o olhar plácido e fixo de formosa mulher, que olha diante de si sem nada filar.

Mais um instante, e do seu

## BIBLIOGRAFIA DO VISCONDE DE TAUNAY

(Continuação da pág. 188)

- nos, peças características, romances sem palavras: Douces larmes, op. 1. — Flor campetire, op. 4. — Tendres regrets, op. 5. — Festa na aldeia, op. 21. — Marabá: O poeta e os pássaros, op. 27. — Improvisos, op. 30. — Souvenir de Petropolis, op. 44. — Souvenir de Jeunesse, op. 32. — Réveries, op. 37. — Nuvens a voar, op. 80 (inédita). — Uma confissão, op. 71 (inédita). — Coeur meurtri, op. 72 (inédita). — La Ronde des peureux, op. 62 a quatro mãos (inédita).
- Peças para piano e violino: Sonata em mi bemol, op. 30. — Deux caprichos, op. 12 e 13. — Deux expressifs, op. 33.
- (Da Retirada da Laguna, edição dirigida por Afonso de Taunay — Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1927).

lado resplende, firme e sereno, Jupiter, que, certos meses do ano, quase compete em fulgor com a venusta filha.

Dali a pouco, no fundo negro-azul e aveludado do céu vermelho o planeta Marte; desenhavam-se perfeitas as constelações; cintilam as estrelas; como poeira de luz dourada polvilha-se o Carreiro de São Thiago, a Via Lactea, maravilhosas faixas que cinge a esfera celeste, ora simples, ora dividida em duas ramais, quais braços do leitoso e aurífero rio, e dentro da qual se confunde, entre pouco menos oito milhões de astros já formados, o sistema planetar a que pertencemos, com todas as irradiações de nosso ofuscante sol, seu pomposo cortejo, distâncias colossais, mundos imensos e todas as nossas grandezas, ufanias, sofrimentos.

Falsa desde logo Sirius, a mala bela estrela que contemplam os olhos do homem; Sirius, a desferir a todo instante raios que do branco intenso, como chama de magnésio, cambiam para o vermelho e o verde escuro.

Enrubesc Aldebaran, o Olho do Touro, em cujos feixes de luz se avizenta a cor da cólera. Erguem-se vistosos Castor e Pollux, símbolos eternos de afeição e, talvez por isto, um mais instante e persistente em seus fogos do que outro.

Estende Orion e lambudo

quadrilátero, em cujo centro refulgem os três pregos do afamado Boldre.

E encruva a cauda o Escorpião, coruscando em seu seio, como inflamado coração, o rubido Antares, que forma com a Lyra a base do triângulo coroado por Arcturus.

Por seu turno emerge, com o movimento gradual e uniforme da abóbada celeste, a constelação do Cruzeiro, e os quatro pontos mais salientes de momento prendem o olhar do filho do Brasil e lhe infundem grata e inexplicável comoção. Não são primeira grandesa no empirio, nem brilham todos iguais, mas têm com o nosso íntimo estreitas ligações, como se entre eles caminhará pela vastidão do tempo e do espaço o destino da pátria!

No prolongamento do braço da Cruz já se aliciam também as duas radiantes estrelas do Centauro e ao lado, como larga falha ou insondável abismo no infinito, escurece extensa superfície, que o homem do povo e o da ciência denominam o Saco de Carvão.

Em noites de calma, nas nossas noites tropicais, cheias de estranhos encantos, tudo aquilo — planetas, estrelas, Via-lactea e nebulosas, refúgio com tal vivacidade que misticamente se esclarece a terra. Parece então que a luz vem descendo em milhões e milhões de palhetas, nhas quase imperceptíveis, que

a custo rompem os ares e neles se insinuam.

Venus ao por si ilumina os grandes massivos e neles produz singular contraste de claros e sombras. De oito em oito anos atinge então brilho de pasmosa intensidade.

No mundo, porém, já todo envolto em trevas, não é senão aos poucos que se acaloram os ruidos da vida. Com efeito, nas primeiras horas da noite há ainda grandes rumores, ulvos distantes de feras, chamados angustiosos de pássaros, agitações desconhecidas e ecos de subito acordados.

Parece que a natureza, não de todo vencida pelo sono, se revolve, busca posição mais cômoda para o descanso, articula sons, balbucia, geme, sonha. Há visos de resistência que se quebra; alvorcem de alegrias que findam; sobressaltos que se abrandam, como travessa criança que, adormecendo ainda cheia de folguedos e da turba-

lência do dia, os vê representados na mente infantil e maliciosamente sorri e se agita. As vezes até soluça.

Então o embala o canto lânguido e abafado da carinhosa mãe, e a cadência da voz doce e fagueira distendem-se-lhe os membros, cerram-se-lhe todas as palpebras, aquietam-se, para a respiração, para a serenidade no gracioso rosto, e sono reparador e tranquilo durante longas horas ministra ao cansado organismo elementos novos de vigor e duração.

Perto da meia noite, é que se faz silêncio completo.

Depois que nos alagadicos grita duas ou três vezes a anubim-poca marcando a hora com a vigilância do galo e acordando a saracura, o inambu e o cujubi, que também cantam com mais ou menos regularidade, calma absoluta domina o sertão todo.

("Céus e Terras do Brasil")



## Correspondência de escritores

Carta do Visconde de Taunay  
a Machado de Assis

## O GENERAL OSÓRIO - VISCONDE DE TAUNAY

Esperava-se o visconde do Herval, o tão popular Osório com efeito chegou a Piratini no dia 6 de junho, um domingo. Recebeu-o o Príncipe com grandes demonstrações de apreço, indo ao seu encontro e abraçando-o com efusão na estação. Em todos causou grande alegria a presença do velho e simpático general que ainda sofria do grave ferimento recebido no dia 11 de dezembro de 1868, por ocasião das últimas balas da batalha de Avaí. Tinha a mandíbula inferior partida, das feridas saíam-lhe continuamente esquiras, não podia nutrir-se senão de líquidos e substâncias moles, impossibilidade da mastigação, e trazia os queixos cingidos por um pano preto, amarrado no alto da cabeça.

Gostei muito, mas muito, do Osório, apenas lhe fui apresentado pelo sobrinho, ajudante de campo do Príncipe, capitão de cavalaria, Manuel Luiz da Rocha Osório, com quem desae logo eu me havia ligado bastante. Recordo-me perfeitamente que não pude compreender o que me disse por gracejo o general, tal a mescla de português e espanhol aguçado. "O doutor, observou ele com a fala grossa, pausada e um tanto cantada que o distinguia, deve ir já a Assunção. Chegou no porto um buque (1) carregado de patilhas (2) para quem não as tem. E veja que o Manuel Luiz não o piaie" (3). Todos riram-se muito; quanto a mim fiquei "a quo" sem saber o que responder.

Daí por diante, porém, dei-me bastante com o velho e engraçado general, que tinha, com efeito, muito chiste natural. Convidava-me frequentemente para o seu rancho e chamava-me "Sr. Bacharel".

ram aquele imenso choque elétrico, que nos fez fuzilar pela espinha dorsal o frio das grandes emoções. Correu com efeito logo, a emparelhar com o herói o general João Manuel Mena Barreto; mas minutos depois vi tombar aquele belo e bravo guerreiro atravessado por duas balas.

Em Caacupé foi que se retirou o general Osório. Os sofrimentos da ferida da mandíbula inferior se haviam exasperado e lhe aconselhavam obrigatoriamente repouso, em lugar de tantas caminhadas sob ardente sol.

Para mim foi muito sentida essa partida, pois adquirira excelentes relações com esta notável personalidade cheia de brilhantes qualidades militares. Ninguém tinha mais jeito para grangerar a estima dos oficiais e soldados e saber obter deles tudo quando quizesse nos momentos mais difíceis e arriscados, ninguém mais simpático e atraente sempre e sempre. Nunca de mau humor e de cara fechada, a menos que não entrasse em colera medonhas; e então tudo tremia diante dele e dos seus impetuosos. E quanto espírito natural! Que engraçadas reflexões, que "piadas" (o termo familiar) impagáveis, a par de conceitos valentes, sintéticos, assinalados por muito bom senso e propriedade. Tão precioso no conselho, como no campo de batalha, se é que ali não se tornava superior a todos. Era general eminentemente tático, de posse de admirável sangue frio no meio dos maiores perigos. "Se uma boniba arrebentaria na ponta do nariz do Osório, dizia-me o Reinaldo, seu entusiasta fanático, ele nem sequer espirra". Ganhou a grande batalha de 24 de maio a poder de bravura pessoal levada ao último extremo, inundando em todas as forças que nesse dia decisivo comandava, a centelha que em seu indomável peito ardia.

Não se distinguia, entretanto, pelas concepções estratégicas e como que lhe não agradavam planos estudados no silêncio e na meditação do gabinete. Dedicava tudo ou quase tudo à indicação do momento. Diante da pleada de Sapucaí, que foi tomada com tamanha facilidade e perda de tão poucos soldados, vi Osório instar com o Conde d'Eu para levar ataque direto à trincheira que nos tomava a passagem. "E' um instante, afirmava ele, Vossa Alteza verá". "Mas, observava o Príncipe, é o que se chama atacar o touro pelas aspas!" "Qual touro, replicou Osório, isto não passa de uma vaca velha!"

Tinha Osório muita finura, o espírito arguto, malicioso, e inclinado à política, diremos até à diplomacia. "C'était un rusé compère".

Rememoremos, porém, alguns dos seus ditos chistosos e picantes, que os tinha muitos, a cada momento, da maior espiritualidade, iluminando, por vezes, juízos concretos e de grande profundidade. Em certa ocasião, encontrei-o, delatado na rede, com um livro na mão. "Você, sr. bacharel, disse-me ele, tem obrigação de saber tudo. Venha por em português esse "english" de uma tigo". Comecei, com efeito, a leitura, traduzindo, confesso, com dificuldade o trecho apontado. Osório pegou logo no sono e retirei-me sem fazer barulho. No dia seguinte o general, encontrando-se comigo, interpelou-me alegremente: "Assim é que você fez o que lhe pedi, "seu" vadio?" "Mas v. excia. pôs-se logo a roncicar, repliquei-lhe". "E' verdade, e só por isto quero bem aquele livro. Sonhei toda a noite que sabia multíssimas mais línguas do que você".

Uma feita, convidou-me para almoçar. "Teremos o Oliveira,



Taunay, em 1865, aos 22 anos



Em 1869, aos 27 anos



Em 1868, aos 25 anos



Em 1869, aos 26 anos

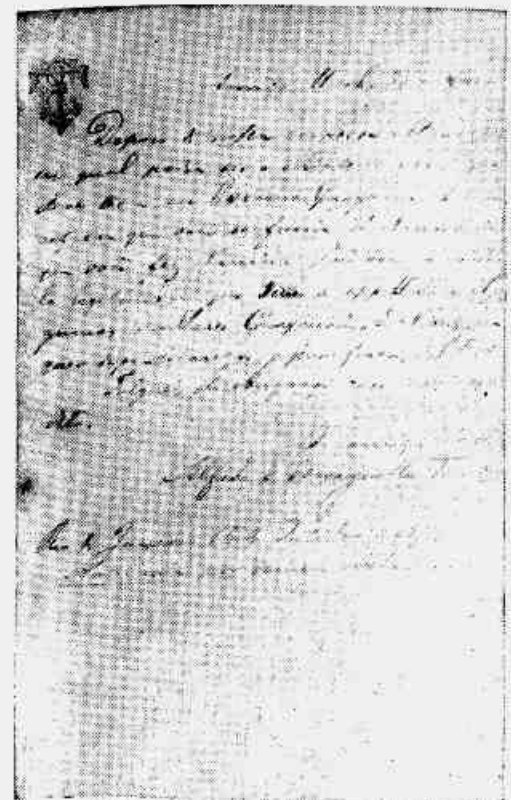
avisou; é um verdadeiro duelo, entre vocês dois. Feijoadas enorme que poderei, cá do meu lado, chupar sem ter que mastigar". Com efeito o pratarrazo estava excelente, e comemos a valer. Dias depois, chamou-me o Osório e, abaixando a voz, disse-me com ar muito sério e engraçadamente misterioso: "Você sabe, amigo, o meu dispêndio declinou-me que naquele almoço da feijoadas lá se foram os víveres de quinze dias. Estou agora apertado deveras e obrigado por causa de vocês dois a jejuar". E bem duro na minha idade".

(Recordações de guerra e de viagem).

(1) Navio, barco.

(2) Salsas.

(3) Ligar o cavalo pelas patas, enfiar.



Depois de uma conversa última, pensei qual podia ser a verdadeira razão que o levou a sua história. A tradição em que viveu se trata da família. Pois bem, o vocabulário léxico e que servia de apoio à palavra, a palavra e a ideia, que quer dizer — criança, pessoa feita, adulta, Julguei de obrigação comunicar-lhe isso.

TAUNAY, NA OPINIÃO DE LUCIA  
NIGUEL PEREIRA

"Inocência" é, sem dúvida, o melhor romance de Taunay, muito superior aos demais; o que lhe marca um lugar na nossa literatura. Sendo o único que se passa no campo, entre gentes simples, poderia dar ganho de causa aos que sustentam a primazia da literatura regionalista. Entretanto, a um exame mais acurado, não revela senão que as qualidades e defeitos do autor melhor se acomodavam ao gênero do romance rural. O sentido do pitoresco, a naturalidade dos diálogos, a arte de aproveitar os valores secundários (natureza, ambiente, tipos e costumes das personagens), formam as qualidades mestras de Taunay como romancista, contrabalançadas pelas deficiências decorrentes da excessiva simplicidade, da repetitiva penetração psicológica, da ausência da complexidade, do mistério. Ora, com essas atribuições e essas falhas, é possível a um romancista compor um bom romance como "Inocência" em que a simplicidade das situações permite ao romancista construir-las com dois ou três traços — embora nem sempre realísticos, ou mesmo primitivos, nem mesmo simplicidade de alma; em que o pitoresco tem tanta importância como psicológico; em que a reconstituição do ambiente passa de valor secundário a principal; em que a atmosfera adquire maior relevo do que ação.

("Revista do Brasil" — maio — 1941).

TRABALHO ESCRAVO  
VISCONDE DE TAUNAY

O homem, já que o escravo é também homem, sujeito à escravidão, posto pelo esforço que lhe não aproveita diretamente e ao movimento pelo temor ou por um desejo baixo de agradar e que

desenvolve uma aparente atividade, nunca comporá com a que dimana daquele que é livre e não precisa de instigações impróprias de sua dignidade.

A FLORESTA DA TIJUCA  
VISCONDE DE TAUNAY

E lá iam todas três, valentes, incansáveis.

Não havia recantos da floresta da Tijuca que afinal não conhecessem, voltando de continuo a lhes admirar as incomparáveis belezas. E, na realidade, quantas! Parece que por ali sobrepunha ainda a alma criadora daquelas maravilhas todas, o influxo do barão de Eschagnolle, tão preso aqueles floridos bosquetes, aquelas frondosas avenidas aos serpenteantes regatos, aos mimosos detalhes e acidentes do vastíssimo parque, uma das raras paragens, nos arredores desta capital, em que ainda se ouvem as p'angentes notas do sábio e o gorgoleio das avezinhas, tanto os defenda ele, vigilante e indignado, dos tiros de bárbaros passarinhos. Também, só o gênio desse administrador modelo, perscrutativo e retratado, entusiasmado da natureza, só uma índole poética e elevada, como a dele, poderia ter casado a graça, a majestade e exuberância da luxuriante flora intertropical com as mil finuras, intenções e graciosidades da arte europeia, imprimindo do cunho tão original e idealizado aos primeiros que sugestivamente foi agalando "Gruta de Paulo e Virgínia", "Casca de diamantina", "Vista de almirante" e outros; e outros; e outros, porém, de todos, o "Excelsior", teatral rascão de vista sobre a larga baixada em que se encastou a baía do Rio de Janeiro, fechado todo o colossal panorama pela linha do alto mar, do oceano alem, a confundir o brumoso horizonte com o esbatido azul dos céus! ("No Declínio").

# UM LIVRO DO VISCONDE DE Taunay

## DE Taunay — José Veríssimo

### na apreciação de Ronald de Carvalho

# EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

2 DE ABRIL

1840 — Nascimento de Emílio Zola, que foi membro correspondente.

4 DE ABRIL

1833 — Nascimento em Madrid, de José Echegarai, que foi membro correspondente.

5 DE ABRIL

1660 — Nascimento, em Congonhas de Sabará, hoje Vila Nova de Lima, (Minas Gerais), de Augusto de Lima.

1866 — Nascimento, em Santos, de Vicente de Carvalho.

6 DE ABRIL

1838 — Falecimento, em Niterói, de José Bonifácio, patrono da cadeira n. 15 do quadro dos correspondentes.

1881 — Nascimento em Jaruá, Alagoas, de Goulart de Andrade.

7 DE ABRIL

1623 — Nascimento, na Bela, de Gregório de Matos.

8 DE ABRIL

1857 — Nascimento, em Obidos, Pará, de José Veríssimo.

10 DE ABRIL

1880 — Nascimento, nesta cidade, de Luiz Carlos.

1907 — Falecimento, nesta cidade, de Teixeira da Mello.

11 DE ABRIL

1882 — Falecimento, nesta capital, de Joaquim Manuel de Macedo, patrono da cadeira n. 20.

1935 — Eleição de Victor Viana, na vaga de Augusto de Lima.

12 DE ABRIL

1863 — Nascimento, em Angra dos Reis, de Raul Pampella.

1828 — Eleição de Rambo Galvão, na vaga de Carlos de Laet.

13 DE ABRIL

1934 — Falecimento, nesta capital, de João Ribeiro.

1935 — Recepção do sr. Rodolfo Garcia pelo sr. Affonso Taunay.

14 DE ABRIL

1857 — Nascimento, em S. Luiz do Maranhão, de Aluizio Azevedo.

A sua obra copiosa, variada e múltipla, acaba o sr. Visconde de Taunay de juntar mais um livro, "um romance contemporâneo", segundo o apelido, com o título "No Declínio".

A fisionomia de sr. Taunay é uma das mais cativantes do nosso mundinho literário, sobretudo para os que tem a ventura de conhecê-lo de perto. Todos sabem por que ele com a sua ingenuidade "bon enfant", que não chega a ser nele um defeito, no-lo tem contado repetidas vezes, que o sr. Taunay descende de uma velha família francesa de artistas fidalgos, vindos para o Brasil na época e ao serviço de D. João VI. Esses artistas eram também eruditos, literatos, poetas, e de todas as suas capacidades transmitiram alguma coisa ao seu descendente, que devia, já de todo brasileiro, dar na pátria do exílio deles novo lustre a um nome celebrado na história da arte francesa. Pela variedade das suas aptidões, o sr. Taunay merceria esse seu nome de polígrafo, com que os bibliógrafos alcunham os que trataram e escreveram de muitas coisas.

"Guerreiro, professor de história, de línguas e de ciências naturais, engenheiro de profissão, político, parlamentar, publicista, historiador, romancista, crítico, dramaturgo, musicista, não há parte da vida brasileira em que a sua obra não apareça com mais ou menos distinção. A diversidade, à dispersão dos seus talentos e de seu trabalho intelectual, não obstante, unidade das três qualidades essenciais do que lhe constitui a personalidade: o seu brasileiroismo, o seu liberalismo, o seu espírito de propagandista. Parece que nenhuma destas características, que são, penso eu, verdadeiramente as suas, alguma coisa tem com o homem de letras, o artista literário que nele há. Engano; ainda a sua obra puramente de arte, o seu romance, a sua novela, o seu conto, o seu drama, a sua crítica, a sua história são impregnadas de um profundo espírito brasileiro, quase nativista, de um grande sentimento liberal, que apenas o corrige sem atenuá-lo, e de uma disposição à propaganda que invadindo, às vezes intempestivamente, o domínio da arte pura, lhe prejudica a obra.

"É curioso, como caso psicológico, o brasileiroismo do sr. Taunay. Ele foi um dos mais ardentes propagadores do povoamento do Brasil pelo estrangeiro — solução fácil e única do que no sentido econômico se poderia chamar o problema brasileiro. Ele jamais teve medo dos apuros chineses, temerosos de que a imigração viesse prejudicar uma nacionalidade, que aliás carece dela como da própria seta vital. E tinha em si um exemplo eloquentíssimo do enorme poder de assimilação do nosso meio. Filho de franceses, de educação francesa, falando durante a infância a francês como língua materna, o sr. Taunay é, sem dúvida, entre os nossos escritores da primeira plana, mesmo entre os provincianos, sertanejos, matutos, mestiços, o mais brasileiro de todos. E não só o é pelo sentimento ou convicção que podiam ser objeto de cultura, mas radicalmente, pelos gostos, pelos hábitos, pelo sentir e até pelo modo de falar, por assim dizer apatriado. O absentismo, o anelo de viver na Europa, é o sentimento de todo o brasileiro de alguma cultura. Tenho-o encontrado até em jacobinos e nativistas exaltados. Um dos raros que o não fazem e a quem, ao contrário, a vida fora do Brasil parecer-lhe-ia uma provação, é o sr. Taunay.

"Político militante durante o Império, foi um conservador intencionalmente deslocado no seu partido. Se um homem de Estado é aquele que tem idéias e as sabe realizar, havia talvez no sr.

Taunay o estofo de um homem de estado. Dadas outras feições do seu espírito, é, entretanto, duvidoso que o fosse: em todo o caso, um propagandista inteligente das verdades necessárias do Brasil — a que ficaram sempre estranhos os grandes políticos do Império — havia nele. Foi esse conservador e convicto imperialista quem se bateu pelas idéias cuja realização fora das principais conquistas da República, como a grande naturalização e o casamento civil, além de tudo quanto respeitava ao problema geral do povoamento do país, por este estupidamente desprezado. Foi este conservador-monarquista quem combateu a opinião de um ministro liberal de que o Brasil monarquia não devia comparecer oficialmente à exposição com que a França celebrava o centenário da grande revolução. Como homem político e parlamentar, foi acaso o único que se preocupou, com escândalo dos seus colegas, de assuntos de arte e de letras no Parlamento. A sua vida política foi principalmente de propagandista de uma porção de idéias, das quais algumas já estão realizadas e outras voltam à discussão como novidades. Mas essa feição do seu gênio se não limitou à propaganda social. Não há nada que lhe interesse de que ele não queira fazer participar os outros. Como La Fontaine com Baruch, se um livro lhe agrada, ele perguntará a todos se já o leram e o gabará com exagero. O sr. Taunay é um voltaireano, mas julgo a sua entrada garantida no céu, porque ele fez a reputação de dois padres: o padre Kneip, o padre José Maurício. O sistema curativo do primeiro foi ele quem o introduziu no Brasil e, se eu não tivesse receio de malquistá-lo com a Diretoria da Saúde Pública, contava que de todo o país recebesse ele consultas — e responde-as. O grande musicista brasileiro, foi ele quem o tirou do olvido, que dobrados mais alguns anos seria completo. Outro dia nos descobriu ele um Vagner brasileiro, e não se admitem que nos invente um Laroche-Joucauld. Tudo isto lhe sai do fundo de entusiasmo e bondade da sua alma otimista. Ele não teme a concorrência da glória e esforça-se por chamar a ela, com um ar de cavalheiro andante, os seus antigos, companheiros de armas, os seus parentes, os seus amigos, os homens que prestaram serviços ao Brasil, o coronel Lagos, o dr. Couty, Leverger e outros estrangeiros prestimosos.

"Este espírito de propaganda e de nacionalismo invade por vezes infortunadamente a sua obra literária. Na "Inocência" não há, inspirado por ele, senão

(Continua na pág. 198)

O autor de "Inocência" e da "Retirada da Laguna", da "Moedade de Trajano" e do "Manuscrito de uma mulher", era antes de tudo um escritor de raça, discreto, apurado e simples. Taunay juntou admiravelmente o fino gosto de um europeu à opulência meridional do americano, com as tintas delicadas da Ilha de França abalou os tons violentos da natureza brasileira.

Nascido e educado no Brasil, sentiu desde cedo a necessidade de se fazer aqui uma literatura realmente nacional, sem os exageros de um regionalismo estreito, mas sob um ponto de vista mais elevado. Seus romances, ligeiramente influenciados de Macedo e Alencar, revelam esse propósito nacionalista, que lhe foi a preocupação favorita de homem de letras. Seu nacionalismo era sincero, pois Taunay lutou por esta terra, deu-lhe o sangue e as forças, a inteligência e o corpo. Não se contentou com a existência fácil das cidades, embrenhou-se nos sítios mais remotos das nossas fronteiras ocidentais, não seguiu uma carreira cômoda, não se fez bacharel, fez-se soldado, e, como militar, tomou parte na guerra do Paraguai e na expedição de Mato Grosso, que deveria tornar famosa com a sua "Retirada da Laguna". Esse livro, onde, por mais que se pretenda negar, há muitas qualidades de imaginação nas descrições das paisagens e no lirismo que lhe imprime um sopro de epopéia, é um dos mais belos e reconfortadores poemas da nossa raça e o melhor título de glória para o seu autor.

Com "Inocência", começou a perder o romance de amor aquele saínete sentimental dos de Macedo. Taunay introduziu na fábula um elemento de moderação, desenhando as paixões com menos violência e as figuras com mais naturalidade do que era comum. Houve quem o taxasse, por isso, de pobre de imaginação e seco de estilo, sem levar em consideração que o artista conhecia a justa medida das coisas, e evitava, portanto, as digressões campanudas, a parolagem e as empenas inúteis, de que costumavam servir-se os escritores nacionais, por indole derramados, como os portugueses. O prolapso do francês literário de Taunay, não lhe é mais peculiar que o chateaubrianismo de Alencar, ou o alemankismo de Tobias Barreto. Todos nós que pensamos e escrevemos, tanto no Brasil como na América do Sul, temos sofrido, naturalmente, o influxo estrangeiro e, sobretudo, o francês, o espanhol e o italiano. A sombra desses três literaturas se desenvolveu a nossa, desde que principiámos a pensar independentemente de Lisboa ou Coimbra.

Antes do nosso indianismo já Cooper, nos Estados Unidos, e Chateaubriand, na França, tinham voltado os olhos para as savanas e as florestas do novo mundo, aquele com mais sinceridade e este com mais artifício, porém, ambos com igual entusiasmo. Não fomos nós que descobrimos o selvícola no seu aldeamento agreste, nem o saltador na sua lapa cavada na rocha bruta. Os que aqui primeiro falaram do índio, como Rocha Pitta e Durão, limitaram-se a descrevê-lo superficialmente, à maneira dos velhos cronistas jesuítas, como infima criatura, sem história e sem tradições, simplesmente porque ignorava uma tantas rezas e adorava os trovões e as tempestades. Gonçalves Dias e Alencar seguiram, porém, outro rumo, caminhando pela estrada aberta por Fenimore Cooper e Chateaubriand. Nem um dos dois, entretanto, perdeu a personalidade, nem um deles caiu na enredada em que, geralmente, ficam presos os imitadores de segunda ordem.

O mesmo sucedeu com Taunay, pois, na companhia dos mestres franceses, permaneceu brasileiro como poucos, ganhando, além do mais, aquela sobriedade de dicção, que, de Montaigne

(Continua na pág. 198)

# O CAMARADA - Visconde de Taunay

A bem de algum sossego do espírito e comodidade de corpo, quem viaja pelos alongados sertões do Brasil, precisa ter, em primeiro lugar, um bom e diligente camarada.

Sem ele tudo é tropeço, todos estorvos e dificuldades; com a sua presença, perpétua e experiente, nada se torna insuperável, nada impossível ou desremediado.

Um camarada energético e inteligente, traquejado nas labutações da vida do deserto, observador cauteloso, não das belezas da natureza, mas de tudo quanto nela possa servir-lhe de auxílio e direção, um homem desses é que substitui, embora em esfera limitada, as inúmeras regras que a comunhão e o contacto da sociedade civilizada nos podem proporcionar. Dele e só dele é que depende

quase unicamente esse bem estar relativo que o viajante busca com a prática conseguir em jornadas tão dilatadas e, senão rodeadas de perigo, cheias pelo menos de canceiras e necessidades, como sejam as que se fazem pelas vastas terras do interior.

E' ele quem marca com antecedência o pouso e o preparo, desbastando-o logo das ervas mais altas e incômodas; quem levanta a barraca ou arma o toldo e suspende a rede; quem acende o lume; vai ao córrego buscar água; trata da comida; cuida dos animais; pensa-lhes as feridas; atalha as sanguias; arranja os carqueiros, os tange por diante, os socorre nos atoleiros; quem nos tremedeiras derruba a carga; torna a levantá-la, e tudo isso que representa interessante atividade nos inesperados episódios de um dia inteiro, de sol a sol, sem a menor demonstração de impaciência, sem o mais leve vislumbre de aborrecimento ou de fadiga.

As suas horas de descanso são bem aproveitadas, seus minutos tão bem calculados que, mal aponta a primeira barra da madrugada, já estão, quando tudo corre ao seu sabor, os cavalos e besta à saga, comendo em embornais a ração de milho, apinhados que foram em distante pasto. Ferve a água na tripeira para o café da manhã, e, ao chamado do amo, é logo servida a modesta e matutina refeição.

Nada o surpreende. Hábitos arraigados a vida vadia e agitada lhe não consente. Ocasiões há em que as coisas lhe não correm de mil maravilhas; outras, em que desandam e co-

mo que de propósito se baralham.

Desapareça por exemplo um animal de carga ou de sela. É preciso então resolver grandes extensões, estudar o rasto, seguir-lhe às vezes léguas e léguas, bater matos e capões — ajornar trabalho, tanto mais de enfermizar quanto para a viagem é um dia perdido, levando-se com sol alto a pouca, para ir-se pernoitar pouco adiante. E, se na manhã seguinte se repetir o fato, como é usual, recomeça o mesmo lidar, reproduzem-se as mesmas perquisições, peripécias idênticas, ora de vez mais desesperadoras, ora a paciência mais experimentada e sofradora, e que, entretanto, em nada alteram a imperturbável serenidade do camarada.

(Céus e Terras do Brasil)



# Última canção do Beco —

Manuel Bandeira  
(da Academia Brasileira)

ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO GOELDI



BECO QUE CANTEI NUM DÍSTICO  
CHEIO DE ELIPSES MENTAIS,  
BECO DAS MINHAS TRISTEZAS,  
DAS MINHAS PERPLEXIDADES  
(MAS TAMBÉM DOS MEUS AMORES,  
DOS MEUS BEIJOS, DOS MEUS SONHOS),  
ADEUS PARA NUNCA MAIS!

VÃO DEMOLIR ESTA CASA.  
MAS MEU QUARTO VAI FICAR,  
NÃO COMO FORMA IMPERFEITA  
NESTE MUNDO DE APARÊNCIAS:  
VAI FICAR NA ETERNIDADE,  
COM SEUS LIVROS, COM SEUS QUADROS,  
INTACTO, SUSPENSO NO ARI

BECO DE SARÇAS DE FOGO,  
DAS PAIXÕES SEM AMANHÃS,  
QUANTA LUZ MEDITERRANEA  
NO ESPLendor DA ADOLESCÊNCIA  
NÃO RECOLHEU NESTAS PEDRAS  
O ORVALHO DAS MADRUGADAS,  
A PUREZA DAS MANHÃS!

BECO DAS MINHAS TRISTEZAS,  
NÃO ME ENVERGONHEI DE TI  
FOSTE RUA DE MULHERES?  
TODAS SÃO FILHAS DE DEUS!

DANTES FORAM CARMELITAS...  
E ERAS SÓ DE POBRES QUANDO,  
POBRE, VIM MORAR AQUI,

LAPA — LAPA DO DESTERRO —  
LAPA QUE TANTO PECAIS!  
MAS QUANDO BATE SEIS HORAS,  
NA PRIMEIRA VOZ DOS SINOS,  
COMO NA VOZ QUE ANUNCIAVA  
A CONCEIÇÃO DE MARIA,  
QUE GRAÇAS ANGELICAIS!

NOSSA SENHORA DO CARMO,  
DE LA' DE CIMA DO ALTAR,  
PEDE ESMOLA PARA OS POBRES,  
— PARA MULHERES TÃO TRISTES,  
PARA MULHERES TÃO NEGRAS,  
QUE VEEM NAS PORTAS DO TEMPLO  
DE NOITE SE AGASALHAR,

BECO QUE NASCESTE À SOMBRA  
DE PAREDES CONVENTUAIS,  
ÉS COMO A VIDA, QUE É SANTA,  
PESAR DE TODAS AS QUEDAS.  
POR ISSO TE AMEI CONSTANTE,  
E CANTO PARA DIZER-TE  
ADEUS PARA NUNCA MAIS!

# HISTÓRIA DE "O

(Continuação do número anterior)

Em 1871, ainda rapazinho, proce-  
deu de Lisboa no Brigue  
Anglica, Manuel de Bithencourt,  
português de nascimento, che-  
gou a São Luiz do Maranhão.

Espírito voltado para o mun-  
do da cultura, singularíssima  
personalidade de jornalista e  
disseminador de ideias, Manuel  
de Bithencourt ocuparia na capi-  
tal maranhense uma situação  
de comando em relação às gera-  
ções literárias que até o final  
do século desportariam no Ma-  
ranhão. Sua presença foi reali-  
mente decisiva na direção dos  
movimentos literários que se  
processaram em São Luiz no de-  
correr desse período. Antonio  
Lobo, nos "Novos Atenienses" —  
pequeno estudo da literatura  
maranhense — deu-nos um  
aparelhado bem vivo do jorna-  
lista português.

"Manuel de Bithencourt aco-  
nhia-nos a todos amistosamen-  
te, em franca e íntima camara-  
dagem, sem que procurasse afec-  
tar os ares clássicos do mestre  
escola, a dominar pela carran-  
ça conselheiral e doutrinaría, a  
assembléia de alunos que lhe  
circundavam a banca. Ouvia-  
nos as parolices, interessava-se  
pelas opiniões que expendiamos,  
escutava a leitura das ensaios  
literários que submetíamos a  
sua apreciação, resolvia as dú-  
vidas que lhe propinhamos, for-  
necia-nos todas as informações  
de que se saber solicitávamos e  
não raro fazia com o conosco  
nossa tarefa, tão cara à irre-  
verência indomável dos primei-  
ros anos, e que deveria mais tar-  
de ser cultivada como uma pre-  
ciosa e útil qualidade, de desan-  
car, pela troca, os grandes ído-  
los convencionais do officiali-  
mo, da burocracia, do magistê-  
rio."

Esse depoimento de Antonio  
Lobo surpreende Manuel de Bi-  
thencourt no ano da Proclamação  
da República, quando o jorna-  
lista português já usufruía em  
São Luiz uma situação de esta-  
bilidade e relevo como profes-  
sor de filosofia no Liceu Mara-  
nhense. O retrato apanha-lhe  
com agudeza o conjunto das  
qualidades que o tinham para  
ocupar a posição de indiscutível  
liderança nos movimentos lite-  
rários do Maranhão, aparecidos  
no ocaso do Império e na auro-  
ra da República.

E' preciso ir mais longe para  
acompanhar-lhe a evolução.

Em 1880, ao aparecer o pe-  
ríodico dos padres, há em São  
Luiz uma roda de rapazes amig-  
os de belas letras e que se re-  
unem nos baturos do sobrado  
residência do comerciante  
Apostinho Vale.

Tomam parte nessas tertúlias,  
alem de Neurad e Libanio Vale,  
filhos do dono da casa — Alu-  
izio Azevedo, João Afonso do  
Nascimento, Manuel de Bithen-  
court, Antonio Machado, Edu-  
ardo Ribeiro, Paula Duarte, Ri-  
lundo Capela, João Morais Re-  
gado, Pedro Freire, Agripino Aze-  
vedo, Arthur Pereira, Manuel  
Antonio de Pinho Junior, Arthur  
Jansen Tavares, Paulo Gomes  
Pereira...

Essas reuniões tinham do  
tempo do "Jornal para todos".  
E delas fora participante o poe-  
ta Euclides Faria, pouco depois  
estafado para um-se ao clero  
nas memoráveis campanhas do  
"Cinzelado".

Foi nesse círculo, por inspi-  
ração de Manuel de Bithen-  
court, que surgiu a ideia da pu-  
blicação de "O Pensador", com  
o objetivo de oferecer combate  
à gazeta dos clérigos do Mara-  
nhão.

Na batalha, os lutadores se  
disfarçavam sob pseudóni-  
mos. Apenas Aluizio, desde o  
primeiro instante, fez questão  
de sair a campo, abertamente,  
sem dissimulações, num fogo  
juvenil de bravatas excessivas.

Seria ele, por isso mesmo, o  
mais visado nas escaramuças do  
clero. Por portas e travessas  
foi Aluizio ameaçado de surra.  
Mas não se intimidou sob um si-

lêncio covarde. Investiu sem  
medo e zombou da força dos  
clérigos confederados nas colu-  
nas cotólicas da "Cinzelado". E  
seus remoqueos, em muitos lan-  
ces, assumiram o tom audacioso  
de uma provocação de espada-  
chins.

Foi Aluizio o primeiro a assinar  
o próprio nome nas colunas de  
"O Pensador". Sua primeira  
colaboração assinada pelo inse-  
rito no número de 19 de Outu-  
bro de 1880. Por esse tempo,  
João Afonso do Nascimento, seu  
amigo, havia lançado outro pe-  
ríodico — "O Mulato" — em  
substituição ao "Jornal para to-  
dos". Aluizio dirige ao redator  
da nova folha uma carta aberta,  
com alguns trechos sibilini-  
os e algumas cacetadas rijas no  
padre Castro, seu desafeto.

O trecho final da carta vale a  
pena ser transcrito:

"Quando a quem te dirige es-  
tas frioleiras — não desdenha-  
rá estampar aqui seu nome  
obscuro com a condição de que  
não o reveles ao padre Castro,  
porque esse bondoso sacerdote  
jurou quebrar piedosamente as  
costelas do autor destas crôni-  
cas logo que descobrisse quem  
ele era. Teu amigo — Aluizio  
Azevedo."

Não satisfeito com o desafio,  
Aluizio acrescentou ao seu no-  
me um asterisco e colocou no pé  
da coluna esta nota em estilo  
de remoque e arrogância, fa-  
zendo o seu próprio retrato:

"Vinte e três anos. Moreno e  
corado, nariz grande e aquil-  
no, olhos rasgados, escuros e  
pestanados, usa a barba raspa-  
da e um pequeno bigode de um  
"chic" pitoresco; altura regu-  
lar, cheio de corpo e cabelos  
cascanhos e lisos. Sinal parti-  
cular: Trás constantemente  
uma grossa bengala de carnau-  
ba, de meia polegada de di-  
âmetro e ferrada em ambas as  
extremidades. A fotografia  
acha-se exposta na redação des-  
te jornal."

Nesse remate em deboche, o  
estilo evidentemente é o ho-  
mem. Aluizio revela, aí, a sua  
conduta corajosa e o seu tem-  
peramento de lutador. A amea-  
ça do padre Castro, feita por  
portas e travessas, responde  
publicamente, num desafio onde  
o sarcasmo castiga com asperi-  
dade o confessor atrevido. O  
sacerdote não responde à pro-  
vocação e mete prudentemen-  
te a viola no saco. Nem manda  
surral numa viela escusa por  
um negro encomendado ou por  
um capanga carola. Mas Alu-  
izio, apesar disso, não o deixa  
de mão. Continua a faze-lo na  
seção de escândalo onde tra-  
za lume às escorregadelas do clero.  
E envolve outros padres nas  
indiscretas revelações de seu  
jornal. Toda a cidade fica pas-  
mada diante do tope do jo-  
nalista. Aluizio, em certo in-  
stante, recorre às suas habilida-  
des de desenhista irreverente e  
faz distribuir pela cidade as ca-  
ricaturas dos clérigos visados  
pela campanha de "O Pensa-  
dor". O moço parece que tem  
o diabo no couro. As beatas co-  
meçam a evitá-lo nos encontros  
de rua — e persigam-se, pruden-  
tes e medrosas, quando o  
veem pelas costas. Os burgueses  
católicos evitam de tirar-lhe o  
chapéu ou estender-lhe a mão  
em público. Aluizio observou  
tudo e vê que está crescendo  
cada dia que passa, a raivoso  
ambiente de hostilidade. Não  
se intimida, entretanto. Precisa  
de infringir um corretivo enérgi-  
co nos sacerdotes encaramba-  
dos. Só a folha volante não o  
satisfez. E' necessário que a  
batalha se prolongue pelo tempo  
adiante. E Aluizio descobre nos  
recursos de sua arte de roman-  
cista os elementos para o casti-  
go procurado. Entre os prela-  
dos maranhenses envidados a  
peleja, ele escolhe, em, então,  
para personagem de seu novo  
livro. Irá retratá-lo minucio-  
samente, e constituirá com a fi-  
gura sacerdotal do Cônego Diogo  
um símbolo perfeito da ma-  
lidade humana no doloroso entre-  
cho de "O Mulato".

Por esse tempo começa a es-  
crever o novo romance. No seu  
marante da rua do Sol, com uma  
vista ampla para a baía de São  
Marcos — onde há ilhotas de  
areia e velas tufadas de pesca-  
dores — Aluizio, todos os dias,  
numa tarefa continuada, tra-  
balha no seu romance. Sobre a  
mesa estão espalhados os bo-  
necos que representam as per-  
sonagens. O romancista, sempre  
que tira um deles de cena ou o  
põe em movimento, guarda-o  
numa gaveta da secretária ou o  
põe diante dos olhos. O li-  
vro vai saindo com a mais ab-  
soluta fluência. Aluizio começa  
a escrever-lhe num livro bojo-  
do de treze centímetros por doi-  
ze. Na contracapa, escreve, por  
ordem de importância, o nome  
das personagens e indica-lhes,  
ao lado, a função a desem-  
penhar, tal como se faz habitual-  
mente na impressão das peças  
teatrais. A princípio, vai escre-  
vendo metódicamente, enche-  
ndo folha por folha, numa letra  
bem legível. Depois, arrastado  
pela inspiração vertiginosa, de-  
ixa que a pena, no livro aberto,  
se prolongue de um lado a outro  
do espaço em branco, tomando  
assim duas páginas em vez de  
uma.

Terminada a cena ou concluí-  
do o capítulo, desce Aluizio a  
longa escada do mirante e vem  
fê-lo, cá em baixo, para dona  
Emília, na varanda do solar de  
provincia. A mãe acompanha  
com o mais vivo interesse o no-  
vo trabalho. Faz sugestões a ca-  
da trecho, lembrando ao filho  
certas minúcias escapadas no  
maravilhado das criaturas reais; par-  
ticipando nas cantos de página ou  
nas entrelinhas as modificações  
sugeridas. Quer dar ao livro  
uma impressão de vida real,  
surpreendida em seus movimen-  
tos característicos através de  
observações metódicas e di-  
retas. O cônego Diogo don-  
Maria Barbosa, Manuel Pesca-  
da, dona Amância Souza, o  
dr. Raimundo, as Freiras, o  
Dias — todos esses tipos foram  
apanhados ao vivo no pobre cla-  
dade de São Luiz do Mara-  
nhão... O romancista transpor-  
ta-os para o livro, sem alterar-  
lhes os traços e as atitudes.  
Procura trazer também para o  
romance uma imagem fiel da vi-  
da maranhense — os seus pas-  
saios de sítio, os seus sobrados,  
as suas ladeiras, os seus festejos  
profanos e as suas festas de ar-  
raial em louvor de Nossa Senha-  
ra dos Remédios. Mas a grande,  
a prodigiosa, a estupefata força  
da narrativa está na caracte-  
rização do tipo do mulato e na  
pintura de campanha contra o  
novo homem, campanha essa  
manifiada como preconceito de  
cor pela seriedade burguesa da  
capital maranhense.

Em casa de Aluizio forma-se,  
não raro, um animado salão li-  
terário. As duas irmãs do es-  
critor se unem, pelo casamento,  
a dois homens de letras: Liba-  
nio Vale e Vilor Lobato. E os  
três, assim reunidos no paren-  
tesco de família, delibram lan-  
çar, um dia, em moldes moder-  
nos, uma folha diária. "O Pen-  
sador" sai três vezes ao mês —  
e não satisfaz às inquietações  
desses rapazes. Faz-se necessá-  
ria a presença de uma gazeta,  
com atuação diária e que cor-  
responda ao desenvolvimento  
cultural da cidade. Discute-se,  
então, o lançamento e o título  
do jornal. No antigo "Jornal  
para todos" havia uma seção  
de notícias intitulada Pacotilha  
e que era muito lida em São  
Luiz. Seria também esse o no-  
me do novo diário. Apostinho  
Vale, português, pai do Lóu-  
so conde do caricaturista Ra-  
fael Bordalo Pinheiro, então no  
Rio de Janeiro, que jaca o ca-  
beçalho do jornal. As oficinas  
são montadas e marca-se, com  
sigilo, a data do aparecimento  
de "Pacotilha". A 30 de Outu-  
bro, a tarde, a cidade de São  
Luiz foi abalada pelos gritos de  
alguns moleques "jardados", a  
apreçoem pelas ruas em la-

deira, a plenos pulmões: "Pa-  
cotilha! Pacotilha!". O fato  
provocou maior espanto, porque  
até então nunca se vendera jo-  
nal na rua: todos as folhas im-  
pressas no Maranhão, até essa  
época, eram vendidas por assi-  
matas e entregues nas casas.  
O êxito foi completo. Vendida a  
quarenta réis, a edição foi logo  
quase toda esgotada. Como se  
não bastasse o ineditismo da  
venda na rua pelos moleques  
jardados, houve ainda outro  
fato que despertou para a nova  
gazeta as atenções da socieda-  
de maranhense. Assim, a noite,  
na sessão do teatro São Luiz,  
num dos intervalos, a orquestra  
entrou a executar uma composi-  
ção do grande musicista Antô-  
nio Bogal aluizio ao forró. A  
certa altura, suspensos os de-  
mais instrumentos, apenas o  
piano e o violino, num recurso  
admirável, deram a impressão  
de articular o título do novo jo-  
nal, enquanto alguém, nos bas-  
tidores, para provocar melhor  
essa impressão, gritava compas-  
sadamente: "Pa-co-ti-lha".

Foi assim que apareceu, nos  
revezados dias de 1880, em São  
Luiz, um dos jornais que mais  
ampla atuação teriam no norte  
brasileiro, durante um espaço  
de tempo de mais de meio sé-  
culo.

Na nova folha Aluizio ocupa  
a situação de redator principal.  
O romancista ampliou, dessa  
forma, os seus recursos de lu-  
ta. 1880 está quase finim: a  
Aluizio não descansa. Continúa  
a colaborar em "O Pensador",  
insistindo na revelação dos cle-  
réricos que correm sobre o cla-  
re do Maranhão. Na "Pacoti-  
lha", sob os pseudónimos de  
Jerônimo e Semicapão dos Lam-  
peões, retela-se um comenta-  
rio trônico dos fatos diários.  
Essa passagem pelo jornalismo  
tem grande importância no des-  
tino do escritor: torna-lhe o  
estilo mais vivo, imprime-lhe  
maior poder de objetividade e  
apara-lhe as rebarbas adquiri-  
das na leitura dos poetas e pro-  
sadores românticos. O jornal  
acelera a evolução do escritor.  
Entre "Uma Idígrama de Mu-  
lato", publicado em 1879, e "O  
Mulato", escrito um ano depois,  
a distância é considerável. Essa  
evolução súbita é um milagre  
do trabalho constante no jo-  
nalismo de provincia. Aluizio,  
aos vinte e dois anos, domina a  
sua língua. Escreve fluente-  
mente, quase sem rasuras ou  
emendas. Quando o ano termi-  
na, já o romancista acabou o  
primeiro caderno de seu roman-  
ce. Começa a fazer o segundo  
copiando o primeiro e dando ao  
livro a forma em que será pu-  
blicado. Esse novo caderno —  
um grosso volume de vinte e  
dois centímetros por sessenta e  
— tem aqui e ali uma ou outra  
modificação. Aluizio quer publi-  
car o mais breve possível o li-  
bro contra o clero e contra o  
preconceito de cor da sociedade  
maranhense. Sente a força da  
narrativa dolorosa. Seu espí-  
rito de homem de combate está  
naquelas páginas onde a vida  
do Maranhão imperial maravi-  
lhosamente se retrata. Ainda  
no começo do ano combina a  
edição do livro na tipografia do  
"O País", jornal dirigido por  
Temistocles Aranha, pai do fu-  
turo romancista de "Canadá".  
Em março de 1881 começa o ro-  
mance a ser impresso. Aluizio,  
na "Pacotilha", dá início à pro-  
paganda do livro, estampando  
cartas dirigidas a amigos im-  
gindários, assinadas por pseudô-  
nimos, nas quais se refere fre-  
quentemente a "O Mulato". A  
cidade aguarda, por isso, com  
certa ansiedade, o aparecimen-  
to do romance que provocará  
descomposturas e debates na  
provincia subitamente ulvora-  
çada.

A vida vai defluindo tranqui-  
la na capital maranhense. A  
campanha contra os padres en-  
tra para o rol dos aconteci-  
mentos cotidianos e perdeu  
dessa forma o seu aspecto de  
curiosidade escandalizadora. Na

ruas em ladeiras, o povo já se  
acostumou à presença dos mu-  
leques jardados que apreçam  
a "Pacotilha". Fala-se de 1881  
em quando, com certo receio,  
na abolição da escravatura.  
Não há mais como outrora as  
grandes fortunas do interior da  
provincia. Os senhores rra-  
raram venderam a maior parte de  
seus negros cativos para os in-  
cipientes fazendeiros do sul.  
O patriarcado e uma legião de  
flamas estreitas vivendo num  
da mormidão do Brasil.  
Os engenhos são contados a do-  
do. As lavours foram deixadas  
ao deus-dará — e a onda verde  
e brava do matalal cerrado en-  
trou a crescer nas plantações  
abandonadas por falta de tra-  
balho. São Luiz do Maranhão  
agora, parou de crescer. Numa  
iniciativa considerável foi  
tomada em benefício de seus  
aspectos urbanos. Tudo conti-  
nua como outrora: os sobrados  
de azulejo, as ruas subindo e  
descendo, os lampeões de par-  
te. A política, nesse ambiente de  
marçamo, consegue provocar  
alguma agitação. E há espíritos  
rebeldes que divulgam ideias  
republicanas, tornando-se os  
precursores da queda do Império,  
como o poeta Joaquim de Souza  
Andrade. Em torno das igrejas,  
movimentação e o merício diário  
das beatas praticantes. Somente  
a festa profana do carnaval,  
com seus entrudos e seus mo-  
vimentos, e os festejos religiosos  
de São João e Nossa Senhora  
dos Remédios, com suas proce-  
ssões e os seus divertimentos se  
arrastam — conseguem agitar a  
melancólico aspecto da cidade  
de São Luiz do Maranhão. Aho-  
ra, nesse ano de 1881, a capital  
maranhense anda mais triste;  
estamos em plena quaresma e  
os sinos dobram dolorosamente  
nas torres de Santo Antônio,  
Remédios, São João e Rosário.

A 11 de Março, sexta-feira da  
quaresma, o padre Francisco  
José Batista profere, na igreja  
de São João, um longo sermão  
sobre a paixão do Cristo. A lu-  
ta entre "O Pensador" e a "Ci-  
vilização" atravessava um dos  
seus instantes mais tumultuosos.  
A "Pacotilha", por outro lado,  
pactua com "O Pensador" na  
campanha contra o clero. E os  
clérigos não recuam na batalha  
rumorosa. Para os sacerdotes  
cada repés sofrido representa a  
demonstração cabal da declínio  
da igreja na provincia. A folha  
católica toma novas atitudes na  
peleja: seus ataques assumem o  
sentido de proleções doutrina-  
rias. Nos pulpitos, os oradores  
sacros verberam o procedimen-  
to de uma sociedade que crava  
os braços diante dos ataques,  
impiedosos aos prelados de sua  
igreja. O padre Batista, encorajado  
do sermão da quaresma,  
excede-se na catilina. Na  
assistência, o cadete Arthur Jan-  
sen Tavares, moço de vinte anos  
e livre pensador, revolta-se con-  
tra as palavras do clero. E a  
20 do mesmo mês faz publica-  
ção o título de "Mais uma afor-  
ta", com o pseudônimo de A. Cr-  
cero, uma desconhecida em  
termo ao padre malcriado. O  
artigo tem seu instante de sen-  
sacção. Ainda não se injuriava  
um sacerdote com linguagem  
lão violenta em São Luiz do  
Maranhão. O padre Francisco  
José Batista é um homem re-  
peitudo. A "Civilização", dá  
resposta ao artigo, em estilo va-  
cístico e enérgico. Mas urge dar  
aos rapazes um corretivo mais  
forte, que valha como lição. E  
o padre ofendido recorre aos  
tribunais, apresentando queira  
contra crime de injúria na sua  
pessoa e declarando como res-  
ponsável pela injúria o impres-  
sor de "O Pensador" — Antonio  
Joaquim de Barros Lima. Ins-  
taurase o processo, diante do  
espanto e do alvoroço da cida-  
de. Logo se apresentam, expa-  
tados e gratuitos, em defesa do  
acusado, três advogados: La-  
pembres, Jansen Matos e João  
Henrique. Os rapazes de "O  
Pensador", sob a orientação de  
Manuel de Bithencourt, resolu-  
m assumir uma atitude de repre-



# MULATO — JOSUÉ MONTELLO

peça coletiva. Na primeira audiência do processo, o dr. La-pinares exhibe, realmente, um documento firmado por Manuel de Bithencourt, Aluizio Azevedo, Pedro Freire, Artur Pereira, Manoel de Pinho Junior, Paulo Augusto Pereira e Agripino Azevedo — documento no qual os seus signatários, se confessam, numa responsabilidade geral, os editores de "O Pensador". O advogado do clérigo — Agostão Pereira da Silva — impugna a autenticidade do documento, sob a alegação principal de que os seus signatários, na maior parte, não tem idade para responder ao processo. Enquanto a justiça não decide a questão, Aluizio põe na mão, por todos os meios ao seu alcance, o seu espírito de combate. Escreve e desenha, publicando-se em artigos de opinião no clérigo e em caricaturas diversas no pleito. A cidade fica cheia de bofetadas incendiárias. O romancista fez de Aluizio São Luiz não fala de vida civil. O dr. Gomes de Castro, figura das mais ilustres da política da província — repleta contra os papalichos envolvidos contra os padres e mestres, numa inclinação apostólica de ênfase do direito e da lei — na sua jurídica de repercussão nacional: "Porque bofetada incendiária, insultuosa, sendo honesta, a propósito de uma enorme sentença aos tribunais? O que significa o aparato de três advogados gratuitos e espontâneos em uma causa sumária, sendo o intuito de exercer pressão sobre o juiz ou sobre o queiro?" As palavras de Gomes de Castro dão bem a ideia da revolta dos rapazes de "O Pensador". Apesar de tanta luta, porém, o tribunal se decidiu a favor do sacerdote — e o im-pressor foi condenado a quatro meses de prisão simples. A derrota não desanimou o grupo de Aluizio de Bithencourt. Diante do mesmo, Aluizio pôde ganhar mais coragem para desferir as sobre os padres a sua única de moço emancipado, na "Pacifica" e no "O Pensador" evocando a desfeição os mesmos papéis e a revelar os me-canismos escandalosos em torno dos sacerdotes maranhenses. Nas páginas de "O País" já está quase concluída a composição de "O Mulato". Em maio, o romancista tira a lume, ferindo em cheio a sociedade burguesa e os pulcões do Maranhão. O livro foi publicado como um prolongamento do combate iniciado nas colunas de jornal. E na figura man-hês e solerte do Cônego Diogo, que é o romance o tipo clássico da esperteza a serviço de interesses pessoais — Aluizio tem o desafio o revés imposto pelo clérigo aos turbulentos rapa-zes de sua geração.

De todas as províncias do Im-pério, foi talvez a do Maranhão aquela, onde o preconceito de cor revelou a mais temerosa in-tellectual, política social.

O preconceito manifestou-se principalmente contra o mu-lato. Saldo da senzala, tornado livre pela benevolência dos sen-hores — o cabra (como então era chamado) conseguiu sufrir a triste origem, para infun-dir-se nas classes superiores, graças as suas ingenuas quali-dades de inteligência e sedução. A universidade de Coimbra e a faculdade de São Paulo e Pernambuco — formaram du-rante a Império numerosos ba-charéis mulatos. A benevolência dos senhores não se restrin-giu a libertação das senzalas: cederam-se a uma educação aprimorada, fazendo o bastar-de de procedência humilha-nar-se com os filhos legítimos nos bancos das escolas superio-res. O magistrado, o jornalista e sobretudo a política completa-ram a ascensão do novo tipo. E tão sensível foi a sua eleva-ção na sociedade imperial que, a propósito da queda da mo-narquia, se chegou a dizer, com uma certa ironia, que o primeiro imperador fora depos-

to por não ser nato — e o se-gundo, por não ser mulato".

Essa mobilidade vertical so-freu, entretanto, os mais rudes combates e reveses. Para mu-lta gente com fumagem de san-gue limpo, o mulato, apesar do grau de doutor e do título de bacharel, continuou a ser trata-do como se ainda vivesse de pé no chão a arrastar a calcéas do cativo.

Muita indireta pesada o mu-lato recebeu de cabeça baixa. E muita partida, com o propó-sito hostil de amesquinha-lo e feri-lo, lhe foi pregada nos sa-lões do Império.

A sociedade tomou, assim, em relação ao mulato, duas atitu-des antagônicas: possibilitou-lhe a ascensão, pela benevolên-cia dos senhores, e procurou ofuscar a elite social, pelas hostilidades das famílias en-fadadas com a preocupação da dignidade sem mancha.

O antagonismo pode ser exp-licado com um novo ponto de vista sociológico sobre o proble-ma do mulato brasileiro.

A origem do mulato nasceu do clume da senha-dona. A tese pareceu sentimental — e ainda não foi lembrada pelos nossos sociólogos. Entretanto, no nos-so entender, foi esse sentimento a principal geratriz do movi-mento que se levantou na Co-lômbia e no Império para casti-gar o novo homem.

Na verdade, cada mulato ce-ria representar, aos olhos das senhas-donas a manifestação bem clara da prevaricação dos brancos nas senzalas. E o crí-me, em tal caso, foi um impul-so natural, perfeitamente expli-cável — baseado não em sim-patia suspeita, como na person-aagem shakespeariana, mas na dor em prova real como no herói moderno de René-Albert Guzman.

A história do cativo era esta povoadora de episódios compro-va-tórios do excessivo clume das senhas-donas. Esses episódios atingiram, por vezes, o bárba-ro aspecto inquisitorial de cru-el-idades extremas. Hoje a morte de escravos bonitas re-velada de mistério. Da noite para o dia, muita beleza negra foi assestada e apareceu grotesca-mente de dentes arrancados e gengivas sangrando. E não fo-ram poucas aquelas que tiveram as partes genitais queimadas a ferro em brasa. E tudo isso aconteceu nesse Brasil de cru-eldade simplesmente porque ha-via balizado sobre as pobres ne-gras cativas o olhar amoroso e fatal de seus senhores.

Saldo das preparações do branco nas senzalas, o mulato tinha que receber naturalmente o ódio derivado do clume das senhas-donas. E se relesse a decomprometida da pefe-ência do branco pela negra. Tal sur-tiu a campanha que o mulato sofreu nas etapas de sua ascen-são. Foi duramente castigado nas ruas públicas e nos salões. Cuspim-lhe ao rosto, chama-vam-no de negro. Condição no para as fessas de família e o isolavam a um canto. Deixa-vam que ele se enfeitasse pe-las graças naturais da senha-moça e barriaram-lhe acinlo-samente o casamento sob a alega-ção de que não criavam as filhas para as casarem com antigos escravos alforçados.

Nessa campanha a mulher as-sustada não teve a atitude mais destacada. Porque o senhor, para atenuar-lhe a possível ope-ração ao mulato, dispunha do sentimento de paternidade — enquanto que a senha-dona, a'em dos naturais escrúpulos fi-dalgos de pureza de linhagem, tinha para atrair-lhe a birra ao novo homem, uma necessidade de reação, desper-tada pela presença dlosa do cabra: — e a re-velada vin-gança no ultraje sofrido com a certeza dos encantos das escrava-nas ao amoroso altar de seus senhores.

Aluizio observou com sagaci-dade os movimentos desse con-flito social. E fez com essa ma-

lêria plástica o assunto central de seu romance — "O Mulato".

Em maio de 1881, em São Luiz do Maranhão, a "Pacifica", jornal de Aluizio e Vitor Lobato, intensificou a propaganda do livro. E em princípio de junho "O Mulato" vinha afinal a lu-me, numa tiragem de mil exemplares. Era um grosso vo-lume in-8º, de quase quinhentas páginas. Aluizio, na "Pacifica", fez a publicidade do li-vro, estampando, com pseudo-nimos femininos, cartas e co-mentários sobre o apuramen-to do romance.

"Uma lágrima de Mulher" em 1879, fora recebido com fri-zeza, quase não se falando desse livro "romântico". Mas "O Mulato", agora, era um volume de sensação. O romance, sur-tido em plena luta da geração do Aluizio, devia refletir — e de certa forma prolongar — o tro-pel da batalha. Nunca se pre-senciara na provinciana cidade de São Luiz do Maranhão uma curiosidade semelhante. O ro-mance foi lido avidamente — e logo cresceu em torno do ro-mancista um ranceroso movi-mento de hostilidade.

O romance era realmente um livro terrível. Aquela poder de sátira que Aluizio exercitara co-mo caricaturista, estava outra-vez presente, agora animado ex-clusivamente pela palavra. Os ridículos, os preconceitos e as misérias da província estavam vivos e fiéis, graças aos recursos do romancista, na dolorosa nar-ra-tiva. Nada escapara à sua maravilhosa percepção. A bur-guesia tinha no livro os seus retratos mais característicos. Manuel Pescada, o Dias, Pedro da Silva — Aluizio os conhe-cia, com eles convivera, entrevi-ra as forças subterrâneas que lhes comunicava alento e triunfo — e isso se dava ainda na juven-tude quando, entre revólta-s surdas, labstara no balcão do despachante David Freire da Silva. As conversas de rua, os modismos regionais, as supersti-ções e as lendas, as paisagen-ses e os costumes — em suma: tudo o que dava à cidade uma fi-sionômia e um aspecto indi-vidual e próprio, vinha reprodu-zido com exatidão perfeita nas páginas de "O Mulato". Essa exatidão fora de tal forma que para qualquer maranhense, sob a sugestão de paisagem e tipo su-bitamente revividos, esse ro-mance, mesmo após a publica-ção de "O cortiço", seria consi-derado a obra-prima de Alui-zio. Por isso mesmo não tardou que a cidade começasse a ser feita a identificação das perso-nagens. Dona Ana Leger, retra-tada na figura plerosca e ridi-cula de Dona Amândia Souza-s, era amiga de infância de dona Emilia. Logo que, "O Mulato" entrou a ser lido e comentado na capital maranhense, dona Ana rompeu relações com a família Azevedo. Atitude mais hostil tomou a clérigo, que se julgou ferido com o tipo do cô-nego Diogo, em cujos traços não fora aliênt descobrir-se logo um dos prelados mais ilustres da diocese do Maranhão.

A história que constitui o ro-mance era bastante conhecida na cidade. O caso acontecera realmente. Apenas o romancista dera ao episódio um senti-mento dramático. O mulato Rai-mundo, formado em direito na universidade de Coimbra, vem a São Luiz e hospeda-se em casa de um tio, Manuel Pedro da Silva, comerciante portu-guês mais conhecido pelo apeli-do de Manuel Pescada. Raimun-do fora mandado a Portugal muito criança — e por lá ficara até adquirir o grau de doutor. Era mulato — e desconhe-cia que o fosse. Também pouco sabia da própria origem. Não conhecia a mãe e lembrava-se vagamente do pai, José Pedro da Silva — fazendeiro na ci-da-de do Rosário, morto em cir-cunstâncias misteriosas pouco depois de lhe haver morrido a esposa. O romancista esclarece

o mistério: o fazendeiro, che-gando à fazenda sem ser espe-rado, encontra a mulher nos braços do Cônego Diogo. Mata a esposa, cepe de clume. O cô-nego consegue escapar de morte certa, graças à astúcia que lhe é aliada pela situação sacerdo-tal. O fazendeiro humilha-se e obtem do clérigo o silêncio so-bre o crime. Tempos depois, numa emboscada, José Pedro da Silva é assassinado pelo Cônego Diogo — e o crime fica impune por-ninguém sabe quem o praticou. O prelado passa, então, a morar na capital da província e se faz amigo muito chegado da casa de Manuel Pescada, irmão de sua vítima. O cônego é figura circunspecta e por todos respei-tado. Manuel Pescada, viúvo, mora num sobrado em compa-nhia da sogra, dona Maria Bar-bosa, e de uma filha, já moça — Ana Rosa, por quem o doutor Raimundo logo se apaixona. Ao ter notícia da chegada do filho de José Pedro da Silva, o cô-nego Diogo se alvoroça. Mas con-segue manter-se muito afável e cordial em presença do mulato, embora, por detrás, entre a combatê-lo rudemente, chama-do-o de cabra e negro. Maria Barbosa, senhora muito ciosa da limpeza no sangue da famí-lia, tem a mais viva das ogeri-sas aos mulatos. Por isso não olha com bons olhos a presen-ça de Raimundo no sobrado. E quem desfeire sobre o mulato a campanha mais odiosa. O cô-nego Diogo e Manuel Pescada tramam o casamento de Ana Ro-sa com o Dias — um sordido lu-stano hipócrita. Tipo acabado de velhaco ambicioso com man-has do inferno. Ao ser consul-tada, Ana Rosa repele sem re-ducões a união: por esse tempo já anda em pleno namoro com o doutor Raimundo. Com ele, sim, é que há de casar. Mas essa confissão diante de d. Maria Barbosa representa a maior das afrontas. A velha torna-se medonha no ódio ao cabra. Para ela, o culpado de tudo era o genro — que caíra na "ma-laqueira de meter em casa cri-oulos cheio de fumaca". Raimun-do tinha em projeto uma via-gem ao Rosário, onde iria parir conhecer o local de seu nas-ci-mento. A viagem, que seria rea-lizada no meado do ano, é logo antecipada por Manuel Pescada, com o objetivo de afastar o so-brinho, quanto antes, da pre-sença da filha. Durante a via-gem, Raimundo tem a saber da sua condição de mulato e que por isso Ana Rosa não lhe pode ser dada em casamento. Episó-dios acontecidos com sua pessoa e até então por ele inexplica-ções, subitamente se esclarecem pelo tio: as indiretas, as recusas, os risinhos mal velados, enfim: tudo o que, e princípio, supu-zerá tratar-se de provincianismo chulo e lacanho, passa a ter um sentido cruel de hostilidade e luta. (1) E o mulato concebe logo o propósito de abandonar o mais cedo possível a estúpida provin-cia. Um dia, Raimundo chega à convicção de que foi o cônego Diogo o assassino de José P. da Silva. E interpela-o, afirmando-o para o seu quarto no sobrado de Manuel Pescada. O cônego, em nova atitude teatral, consegue dar ao rapaz a impressão de que está cometendo uma clamoro-sa injustiça. Mas ao sair do aposento, o clérigo jura vingar-se do "cabra apostolado". Rai-mundo insiste no desejo de em-barcar, assim que decida os seus negócios. Mas no dia do em-barque, quando todos o espe-ram para dar-lhe as despedidas no cais, o mulato não compare-ce. Decide perder o vapor, por-que lhe volta ao espírito a cer-teza de que Ana Rosa também perduradamente o ama. O episó-dio alvoroça o cônego e a famí-lia do Pescada. O clérigo des-deconfia — "que há mouros na costa". Põe Ana Rosa em confissão e vem a saber que a rapariga está grávida. O Pes-cada quase perde a cabeça. Do-

preconceito, prefere que a neta fique sozinha, a casá-la com um crioulo alforçado. Raimun-do decide-se a raptar Ana Ro-sa. Mas, no dia, tem seu plano obstatado pelo cônego, que lhe embarga, com quatro praças e mais o Dias, a fuga romântica. Em seguida, despede as praças, enquanto o mulato sobe a escada do sobrado, a carregar agora a moça desfaiteada. Ana Rosa é de maior idade. E o doutor Raimundo, depois de uma discussão onde interfe-re toda a família do tio, desce outra vez a escada, deixando bem claro o seu propósito de re-correr à justiça para poder rea-lizar o casamento. Mas o Dias, trabalhado pelo cônego, fica de localia, numa vila, onde sabe que seu rival haverá de passar. E mata-o, à noite, com um tiro certero pelas costas. O crime fica em mistério. O tempo ro-da. E o romance finaliza com uma descrição de uma festa no Clube Familiar, em São Luiz do Maranhão. Na madrugada de inverno, ao fim do baile, trazidos até o palomar do clube pe-las figuras mais importantes da província — snem, de bracos dados, o Dias e a Ana Rosa. Há quatro anos estão casados. O escândalo do doutor Raimun-do anda meio esquecido. O cri-me fica aureolado de mistério. E o cônego Diogo continua a desfrutar na cidade uma tran-quila situação de clérigo respei-tado pela sua conduta e admi-nistrado pelas suas numerosas vir-tudes sacerdotais...

Esse final da narrativa, brutal e chocante, compellido subitamente o leitor comum a uma brusca ogeria à figura até então simpática de Ana Rosa — é bem uma transigência do ro-mancista aos processos da esco-la literária a que vinha de fi-nhar-se, de da qual seria, de certa forma, nas letras brasileiras, ao mesmo tempo o primeiro e o último mais representativo. Na verdade, não fora aquele o verdadeiro desfecho do doloroso enredo de "O Mulato" na pri-mitiva forma desse romance. Pelos originais do livro, verifi-ca-se que Aluizio, ao conclui-lo, ainda não se libertara da lite-ratura romântica. O romance finalizava a maneira de "Paul et Virginie", de Bernardin de Saint-Pierre, ou de "Romeu and Juliet", de Shakespeare: com a morte dos dois amantes. A morte de Ana Rosa, no primitivo desenlace de tragédia românti-ca, ocorre no momento em que a rapariga chega à janela do sobrado atraída por um rumor de pólvora revoltado, e reconhece numa rede que vem carregada por dois negros, o cadáver do mulato Raimundo. Esse epílogo estava certamente em melhor correspondência com o tempe-ramento de Aluizio: a transi-gência para um final menos trágico, porém mais rude ao leitor da época, valeu como uma concessão feita pelo romancista ao processo da nova escola literária.

O romance era um apanhado muito vivo e muito fiel da vida provinciana de São Luiz. Tipos e costumes ali estavam. A própria linguagem das personagens romancistas não a alterara, ao transportar para o livro a fala regional de seus modelos. E o conflito entre o mulato e a sociedade burguesa saíra-lhe de tal maneira bem apanhado que futuramente os sociólogos in-teressados no problema teriam de recorrer às páginas de "O Mu-lato" para a formação de uma perfeita imagem daquela bata-lha social. Nem mesmo a igno-rada origem da questão Aluizio deixara de transparecer. Realmente ele soubera perceber, como observador direto, o papel da mulher na luta contra o novo homem. E encarnou no tipo coerente de dona Maria Barba-ra a maior parcela da cam-panha desferida contra o mu-lato no decorrer da narrativa. En-quanto o cônego Diogo estimu-

(Continua na pag. seguinte)



# História de "O Mulato" — Consórcio da Morte — Aloysio de Castro (da Academia Brasileira)

(Continuação da pág. anterior)

la o combate levado pelo interesse individual bem claro de afastar da província, a princípio, e eliminar do número das viciadas, em seguida, o interesse do direito na elucidação da morte misteriosa de José Pedro da Silva — dona Maria Bárbara age apenas por instinto, governada por uma força subterrânea que lhe comunica o ódio mais radical aos crioulos e aos cabanos. Essa força era certamente um recalcado ciúme de simulação, recebido por herança ou concebido por direta suposição...

Domingos Perdido não se enganava ao prever o ressentimento da província com o romance de Aluizio. O livro foi discutido e sofregamente devorado. O romancista "era por toda a cidade apontado a dedo; amado pela metade da população e amaldiçoado pela outra". Em reminiscência desse tempo, o escritor relembra mais tarde, num conto autobiográfico: "Os devotos enfiavam-se com os pais pediam ao diabo que me carregasse para longe da província."

A "Civilização" notou, logo, contra o romance e o romancista, todos os instrumentos de que podia dispor.

Por essa época já havia desertado do grupo de Manuel de Balthazar o poeta Euclides Faria. Extremado em pontos de religião, tendo de Deus e da sua Igreja umas idéias muito sérias — Euclides não estava de acordo com o espírito rebelde e acatolico de seus companheiros de geração. E passou-se naturalmente para a gazeta dos padres, trazendo para a "Civilização" um belo ardor combativo e um admirável poder de sátira demolidora. São Luiz do Maranhão conhecia-lhe de sobre o talento epigramático, o temperamento galhofeiro e alacre de que a revelação este sônolo escrito a propósito de uma viagem marítima entre o Pará e o Maranhão:

"O jaboti mais velho e já caduco,  
Que não pode mexer-se de canseira,  
É mais velho ainda na carreira,  
Que o paquete chamado "Perinambuco"

Quem viaja uma vez neste maluco  
Promete não cair mais noutra  
[lancheira]  
Afim de não levar a vida inteira,  
Como ari, p'ra trás, sobre o tijuco

Como se fosse inválida perneira,  
Nunca pode fazer jornada franca,  
Pela carga, que leva, da muleteira.

Quem faz uma viagem nesta trança,  
Quando sai do Pará com a barba preta,  
Chega no Maranhão com a barba branca!"

Seria ele, no hebdomadário do clero maranhense, o mais forte adversário que Aluizio teria de encontrar. Na seção intitulada "Secas e Mecas" e assinada com o pseudônimo de Joaquim de Albuquerque, Euclides Faria, logo após o aparecimento de "O Mulato", lançou, em cinco crônicas sucessivas, contra o romance e o romancista. E foi implacável. Conhecedor da vida privada de Aluizio, não vacilou em trazer à público, procurando ridicularizar o antigo companheiro de tertúlias literárias. Zombou do realismo "que vicejava nos mangais do Anil e do Bacanga", chamando ao seu apóstolo em São Luiz, de Zote e Zolazinho de meia tigela. A última crônica foi a mais cruel. Continha trechos assim: "Permita o jovem Zote, autor do 'Mulato', que me admira ainda uma vez, a sua compreensão sobre a rea-

lismo é de eternas luminárias! Melhor seria fechar os livros, e plantar batatas e jurar com o único refúgio: Abraço o asno com a amena doeira

E acharam-se parentes." Nunca Aluizio esqueceria as injúrias desse artigo. A 30 de Julho, responde a Joaquim de Albuquerque. Pensa que por detrás desse pseudônimo se oculta o padre Raimundo Alves da Fonseca. E a resposta é dirigida ao célebre sacerdote. Mas Aluizio, na réplica, não é o mesmo panfletário dos outros dias, quando investia, jovial e irônico, contra o padre Castro. Suas palavras revelam claramente o escritor magoado, ferido com aquela crítica impiedosa — a única que na província se fizera sobre um romance que rasgava as letras nacionais um novo caminho. Pelo resto da vida teria presente o eco do labéu recebido na sua terra natal. São Luiz do Maranhão o insultava, na única referência ao seu romance, enquanto das outras províncias, e principalmente, se elevava a massa coral dos elogios unânimes. Urbano Duarte, no Rio, com a autoridade do seu nome, lançara um grito alacrez de grande repercussão: "Romancista ao Norte!"

Araújo Junior dedicou-lhe uma crítica penetrante, indicando lucidamente os novos rumos que aquele romance vinha do Maranhão trazia para a literatura brasileira. O êxito foi estrondoso. De um momento para o outro Aluizio sentiu seu nome cercado de um forte rumor de glória. Mas as palavras cruéis ouvidas em São Luiz deixaram o jovem romancista amargamente amargurado. A província, agora, com os seus preconceitos e a miséria moral de seus homens, não é mais ambiente compatível com as inquietações e as rebeldias do moço escritor. E Aluizio pensa outra vez no Rio de Janeiro. A corte o chama, aclamando, pela pena de seus jornalista; mais ilustres, o talento do romancista maranhense. O artista achava afinal, para a conquista da glória, o seu caminho tantas vezes sonhado...

Em pouco tempo, a edição de "O Mulato" se esgota. A hostilidade da província contra o Zolazinho do Bacanga veio crescendo, como as águas de um rio pelo inverno. Aluizio sofre desfeitas mesquinhas e recebe insultos nozes. Mas reage, contra uns e contra outros. Na "Pacotilha", ou no Pensador — volta-lhe outra vez aquela temperança de combatente destemido. As beatas se persignam, ao topar com o ateu, com o pedreiro livre. O clero não se cansa de indignar-se como um vulgo perigosíssimo, de cuja presença as famílias devem afastar as crianças-moças bonitas. Entre os antigos companheiros de geração, Aluizio vai descobrindo os inimigos que a inveja fatalmente fecunda e cria. A cidade fascista o romancista. Parece mostrar-lhe, em cada trecho, um aspecto novo, convidando-o para um minuto de contemplação. Os sobradinhos de azulejo, as velhas igrejas coloniais, as ruas em ladeira. O Largo dos Remédios. O Ribeirão dando água à pobreza pelas três bocas de pedra de seu chafariz. A baía de São Marcos pontilhada de velas. Os faróis ao longe, rompendo a noite. A Ponta da Areia com os espectros de seu velho forte esborçado. Tudo isso, que comove Aluizio, será em breve, para ele, nesse ano de 1881, uma paisagem distante...

A 20 de Agosto, numa crônica intitulada "Bom Maranhense", despede-se dos contrários: "Escrevo-lhes esta crônica com um pé no estribo. Talvez seja esta a última que pingue da incompetência de minha pena nesta Atenas encabelada, onde o moleque representa uma potência de Estado e onde o clero se deixa representar alegremente por uma molecagem."

Aluizio deixa a redação da

Domingo de céu azul não é para pensar-se em guerra e morte. Mas, aqui ou ali, na terra atormentada, todos agora estão na guerra. Quem haverá aí que tire o pensamento das tristezas do tempo? Seria preciso a cada um fugir de si, desdenheimar-se. "Uma viagem depois de outra, um espetáculo depois de outro, vive o homem a fugir de si mesmo."

## HOC SE QUISSQUE MODO SEMPER FUGIT

Assim não-lo recorda Seneca, no tratado da "Tranquilidade da Alma", trazendo o verso de Lucrécio. E acrescenta: "Mas como fugir, se de si mesmo não pode o homem apartar-se, tendo a si mesmo por companheiro incomodado e inseparável?"

O melhor será, em todo caso, buscar nos livros antigos a imagem de outras épocas e nos distrair com as histórias, bem ou mal contadas, de outras vidas.

Foi o que fez um domingo destes, abrindo o meu Tacito nos seus Anais. Ao acaso pús o dedo no capítulo em que se narra de Seneca, mas ainda não são coisas de morte.

Ao ler o episódio do suicídio do filósofo, no ano 66 da nossa era, ajustado com a esposa para a última partida, veio-me ao pensamento o caso do moço Stefan Zweig, que a todos aqui com razão comoveu. Consórcio da morte — synopthamania, como diz com força grega Oliveira Martins, definindo a voluntária morte de dois cônjuges.

Mas ao passo que com o escritor vienense o friste voto se confirmou e o mesmo veneno cerrou, a um só tempo, os olhos dos consortes, com Seneca, o espanhol cordovês, depois latino em Roma, o mesmo não sucedeu. Tendo aberto infelizmente as veias, já se foi sorolho para o alem, enquanto a bela Paulina, a jovem esposa, que resolvera seguir-lo no mesmo transa, já a esvaír-se em sangue, quase no último suspiro se renhima e se salva.

Não veio da livre vontade o suicídio de Seneca. Uma vez, quando moço, doente, com mil achaques, magro em extremo, pensou em acabar com a vida. Ele o confessou, numa das Epístolas a Lucílio, declarando em atenção à longa idade do pai, que tanto o queria consentira em permanecer em baixo no mundo. Depois veio a melhorar, e na mesma carta declara que os estudos o curaram e que devia a vida à filosofia: "O que fortifica o espírito é útil ao corpo". Boa medicina e tão bom conselho como o meu: *sana in corpore sano*. A cada passo, na obra de Seneca, se encontra o elogio do suicídio. E ainda nas Epístolas a Lucílio que se lê: "Ninguém é obrigado a viver em apuros e são fáceis e múltiplos os caminhos para quem quiser a liberdade". Depois, vem com Epístola: "Rendam-se graças aos deuses por ser impossível reter alguém no mundo contra a própria vontade".

## O VISCONDE DE TAUNAY NA APRECIACÃO DE RONALD DE CARVALHO

(Continuação da pág. 194)

a Anatóle, ainda não desertou das terras das Gallias, e é a sua prenda mais notável.

Taunay não se limitou a escrever romances e contos, sua literatura não é só de ficção, mas também de assunto político (A Nacionalização), jurídico (Casamento Civil), científico (Questões Militares), teatral (Amelia Smith) e crítica (Estudos Críticos). Em todo o caso, foi como romancista que se distinguiu nas nossas letras, e é como tal que o devemos apreciar.

"Pacotilha". Destila-se da digressão de "O Pensador". E faz, entre os amigos, as suas despedidas. Marca o dia da viagem. Mas, tal como aconteceu com o doutor Raimundo, em "O Mulato", o romancista perde o vapor... Os jornais anunciam que Aluizio adoeceu subitamente da garganta. Mas o escritor, tempo depois, num conto autobiográfico, revelará o motivo sentimental do adiamento da partida.

Na bela epístola em que exalta o desprezo da morte, narra o filósofo o suicídio de Cato, que se resolvera a esse extremo com orgulhoso pensamento: que ninguém tivesse a glória de ter morto ou salvo Cato! E foi que em sua última noite se apareceu-lhe com dois instrumentos, um que o dispusesse a morrer, outro para matar-se: um livro de Platão e um punhal.

E' ainda Seneca quem traz o exemplo de Scipião, sogro do grande Pompeu. Arrastado pelas ventos a costa africana e vendo-se no barco preiado pelos inimigos, atravessou o corpo a espada e aos outros, que então ali lhe perguntaram pelo general, deu como resposta: "O general está bem". Esta resposta, diz Seneca, o tornou digno da glória dos Scipíons; e se muito era dominar Cartago, mais valia ainda dominar a morte na afirmação daquelas palavras: "O general está bem".

Quanto a Seneca, o suicídio lhe foi imposto. Tinha a glória da velhice, mas esta, como todas as glórias, não havia de durar sempre. Passados os anos do esplêndido fastígio na Roma imperial, declinara a estrela do filósofo, e já odiadamente o criticavam. Um Sullio, delator venal que, infringindo a lei Cincia, advogava por dinheiro, falou a língua contra Seneca. A maligna plebe fez coro. Que era intolerável tal honra? Quando com a sua eloquência. Que lucrara estúpidos prodigiosos e inconcebíveis riquezas. Dezesete milhões e setecentos mil dracmas! Mesas de cedro com pex de marfim! Que não tomava a sério as cantorias de Nero, nem a mestria com que este guiava no circo os corricos-ches... Sentindo-se no desafio do tirano, o filósofo, para viver, desejou o sossego da aurea mediocridade, e quis resistir a Cesar os bens que dele recebera. Arrestando-se com Nero, soltou-lhe um discurso, no correr do qual dizia: "Onde a minha moderação e os meus reportados desejos, agora, que posso quintas magníficas e extensas terras e rendimentos poluídos? Minha ad desculpa a me não ter sido possível contrariar a tua generosidade. Fomos aonde podíamos chegar: tu, concedendo o que um amigo pode aceitar do príncipe".

Então o refalsado Nero respondeu sem mais, e logo libandando o preceptor: "Se de improviso respondes ao seu meditado discurso, é que em tua lição aprendi a resolver as dificuldades, assim as previstas como as de surpresa". E por aí foi, dizendo que a Seneca ainda não era chegado o tempo do repouso que queria; que os bens com que o presenteavam eram caídos e todos sujeitos às mudanças da fortuna, ao passo que o que lhe viera, a ele Nero, dos conselhos e da experiência com que o instruíra Seneca, na infância e na juventude, esses eram bens para toda a vida. E com os sorrisos e abraços da ferocidade oculta, selava Nero

as palavras com que mentia ao coração.

Seneca todavia retratava-se, agora metido em casa, dizendo-se doente, dando ao ao todo o tempo, na companhia dos seus tratados. Quem escapava, entretanto, dos ódios conjurados? O ódio gera o ódio. Aluizio acharam comprometer o filósofo, como comparsa de Platão na conjura deste, e um belo dia, já retirado ao campo, junto aos muros de Roma, estando Seneca a mesa com a esposa e duas amigas, um centuriado forçou-lhe a porta e lhe intimou a decisão de Nero — que morresse. Muito era que pudesse cortar as veias, modo de morrer tão por favor em Roma. Então o filósofo, abraçando a esposa, beijou por consolação, mas em vão. Paulina deliberou-se, ali mesmo, a morrer com o marido, e Seneca, "fosse para poupar-lhe futuras perseguições, fosse para a não subtrair à grandeza daquele heremita", que tal era o suicídio, aprovou a mulher, dizendo-lhe: "Se neste passo fatal mostrarmos igual valor, mais nobre ainda é a tua determinação".

Como o sangue correu lento e pouco, querendo evitar à esposa o quadro das suas angústias, instou-lhe Seneca que passasse a outro aposento. A Stacio Anneo, médico de nome e seu amigo segredo, rogou o moralista lhe apressasse a acabar com o veneno, que chegou a beber. Por fim, metido num banho quente, sem demora com o vapor d'água se sufocou.

Enquanto isto, chegava a ordem de Nero, que não deixasse morrer Paulina. Ligarão-lhe os braços, o sangue estancou. Estava salva. E então? Conclua a narração de Tacito: "Ainda hoje é discutível se isso ou se a revelação dela, pois, estando no próprio do vulgo levar sempre as coisas ao mau sentido, muitos admitiriam que ela se deixara participar do fim eterno do marido enquanto temia Nero implacável. Tão depressa porém percebeu esperança de salvação, para logo o desejo de viver pôde mais que tudo".

Elisabeth Zweig, tão jovem como Paulina, foi mais dísna na desgraça. Decidida por si mesma a trilhar o destino do esposo, não teve, no caminho extremo, quem a detivesse e a ele abraçada, como para viver no amor do feliz tempo passado, se fez gloriosa ao partir, mostrando amor para sempre. Bem dita seja.

## UM LIVRO DO VISCONDE DE TAUNAY

(Continuação da pág. 191)

o exagero do embelezamento da paisagem e das cenas descritas; mas na "Mocidade de Trajano" e em todos os seus outros romances e contos há páginas do altíssimo sócio da Sociedade de Imigração ou do político militante. Artista, puro artista, e grande, foi o sr. Taunay na "Retirada da Laguna" e na "Inocência", dois livros anseus na nossa literatura, desses, sobretudo o segundo, que na obra de um escritor, por maior que seja o seu mérito, representam menos uma determinação da sua vontade que a produção espontânea do seu gênio, como o "Werther", de Goethe, "Paulo e Virgínia", de Saint Pierre, ou a "Iracema", de Alencar.

O sr. Taunay não teve, jamais, depois daqueles dois livros, o cuidado, a atenção, a demora que exige a obra literária. Si crevesse muito e dispersasse muito, sem se concentrar suficientemente, com um nitaf, de que tantos usos nitaf, de produzir e publicar. A mas, de produzir e publicar, a longa lista da sua produção tem obras de todo o gênero e de todo o valor, e acasou em todas elas se sente a falta de meditação bastante e a invasão, como uma erva daninha, da banalidade, o vício de quem produz muito, sem respeito ao tempo e à sazão".